



PREPARANDO A FÓRMULA DA LONGEVIDADE



SER SER **SER**

nº 5

PERIÓDICO DO GRUPO GURDJIEFF DE SÃO PAULO



o que VOCÊ quer  
**NA VIDA?**  
por que VOCÊ  
está sobre a **TERRA?**

MADAME JEANNE DE SALZMANN

## SER

O periódico do  
Grupo Gurdjieff de São Paulo  
Agosto / 2002

### Editores

Paulo A. S. Raful  
Lauro de A. S. Raful

### Coordenadora Executiva

Carmem Sílvia de Carvalho

### Comitê de Realização

Carmem Sílvia de Carvalho  
Maria Aparecida Ramos De Stefano  
Beatriz Sztutman  
Luiz Henrique Domingues  
Ivo Minkovicius  
Saul Nahmias

### Projeto Gráfico e Ilustrações

(págs. 24 e 25)  
Ivo Minkovicius

### Tradução dos textos tradicionais

Maria Aparecida Ramos De Stefano

### Revisão de textos

Maria Eugênia da Rocha Nogueira

### Capa e 4ª Capa

Capa e pág. 16:  
**Madame Jeanne de Salzmann**  
(foto de David Sailors)

4ª capa:

**O alquimista**  
(ilustração da Alquimia - ca. 1800)

### Ilustrações:

Ale McHaddo  
**Mestre Sun** (pág. 55)

Beatriz Sztutman

**Amor Místico** (págs. 50/51)

Paulo Mazzeo

**Histórias da Tradição Zen** (pág. 62)

### Fotografias:

Saul Nahmias

**Lauro Raful e Carlos Raigorodsky**

Maria Aparecida Ramos De Stefano  
**Paulo Raful e Daisy Margarido**

### Impressão e acabamento

Copy Center

### © Copyright

Paulo A. S. Raful e Lauro de A. S. Raful

### Editora Esoatenca

Caixa Postal 60.010 São Paulo - SP  
CEP: 05096 - 970

e-mail: revistaser@ig.com.br

## ÍNDICE

### 1 Carta aos leitores

### 2 Artigos

- O lembrar-se de si e a verdade (Paulo A. S. Raful)
- Memória: uma gravura de 1593 e seu rico simbolismo (Paulo A. S. Raful)

### 8 Perguntas dos leitores

Diálogos com um homem de atenção (com Lauro de A. S. Raful)

### 16 Textos tradicionais

- Madame Jeanne de Salzmann
- Alexandre e o sábio (Fariddudine Attar)
- O Tao Te Ching (Lao Tzu)
- Yoga do Conhecimento (Bhagavad-Gîtâ)
- Questões respondidas por Sri Nisargadatta Maharaj
- Wang Ji Wu e a Linhagem de seu Xing Yi Quan (Dan Miller)

### 24 Humor

- Mulá Nasruddin
- Pedro Malazartes

### 26 Entrevista

Carlos Raigorodsky

### 34 Artigos

- Nem tudo está perdido.  
Nosso Ser, esse grande desconhecido (Beatriz Sztutman)
- O sentimento de "Eu" (Mário Luiz de Camargo)
- Relatos de um aluno a seu mestre (Fernando Vianna)
- O dever sagrado do Ser – 1ª parte (Luiz Domingues)

### 42 Poesias

- Soneto de amor ao Ser (Maria Aparecida Ramos De Stefano)
- Poemas Zen (Ryokwan)
- O Lago (Lamartine)

### 44 Entrevista

Daisy Margarido

### 50 Amor Místico

- Poemas místicos (Beatriz Sztutman)
- Canções da alma (São João da Cruz)
- A descoberta da alma (Sri Aurobindo)

### 52 Contos e Lendas

- Vishnu e a xícara de óleo (da tradição hindu)
- A lenda do rio da vida (da tradição sufi)

### 55 Mestre Sun

### 56 Artigos

- Virabhadra Namaskara (Martha Machado D'Andrea)
- Eneagrama (Re\_natus)

### 60 As Mil e Uma Noites

### 62 Histórias da Tradição Zen

### 63 Novo Seminário

### 64 Grupo Novo

mural

# MURAL



### Sugestão de Leitura

Encontra-se à disposição, no Grupo, uma obra cativante: *O Macaco Peregrino*, de Wu Ch'êng-ên, Horus Editora. Recém-traduzido para o português, com mais de 500 páginas, é "uma mistura de beleza com absurdo, de profundidade com tolice". *O Macaco Peregrino* é muito apreciado por nossos mestres e cabe dizer que a própria tradutora conheceu e recebeu este livro de presente de Paulo Raful há muitos anos... Se o mundo dá voltas, como diz o ditado popular, essa volta beneficiou-nos a todos.  
*Marian Suzano Bleier*



### Aula de Movimentos

Em primeiro plano, Paulo Raful demonstrando uma das posturas, observado ao fundo por sua auxiliar Martha D'Andrea.



## GRUPO NOVO

Um "grupo" é o começo de tudo. Um homem só não pode fazer nada, nada pode atingir. Um grupo realmente dirigido pode fazer muito. Tem pelo menos a oportunidade de chegar a resultados que um homem sozinho nunca seria capaz de obter.

Você não se dá conta de sua própria situação. Você está na prisão. Tudo o que pode desejar, se você for sensato, é escapar. Mas, como escapar? É preciso cavar um túnel sob as muralhas. Um homem só não pode fazer nada. Mas suponha que sejam dez ou vinte e que trabalhem em rodízio; ajudando-se uns aos outros, podem terminar o túnel e evadir-se.

Além disso, ninguém pode escapar da prisão sem a ajuda daqueles que já escaparam. Só eles podem dizer de que modo é praticável a evasão e fazer chegar aos cativos as ferramentas, as limas, tudo o que lhes é necessário. Mas um prisioneiro isolado não pode encontrar esses homens livres nem entrar em contato com eles. É preciso uma organização. Nada poderia ser realizado sem uma organização.

Georges Ivanovitch Gurdjieff

(Fragmentos de um Ensino Desconhecido,  
P.D.Ouspensky, Editora Pensamento, pág. 46)

# CARTA AOS LEITORES

A foto da capa, de Madame Jeanne de Salzmann, foi realizada no ano de sua morte. É impressionante a força da expressão dessa grande mulher aos 101 anos de idade!... Nós estamos felizes por poder prestar-lhe essa homenagem, pois a consideramos a maior figura espiritual feminina do século XX, no Ocidente. Ela foi a encarnação da longevidade, uma prova irrefutável da sagrada alquimia do Trabalho Gurdjieffiano.

A possibilidade de uma vida longa plena de oportunidades e realizações aparece também nas entrevistas de Carlos Raigorodsky e Daisy Margarido.

Os textos tradicionais estão especialmente ricos, interessantes e variados, e os artigos dos companheiros demonstram um claro amadurecimento.

Além disso, estamos introduzindo quatro novidades:

- o honorável Mestre Sun, personagem principal de nossa HQ, ensina a *Arte da Guerra* a seus discípulos;
- o renascimento de Pedro Malazartes, versão brasileira de nosso querido Mulá Nasruddin, contando uma história mais antiga que Adão e Eva...;
- a seção intitulada *Amor Místico*, com poemas iluminados pelo amor ao Divino;
- a seção *Diálogos com um Homem de Atenção*, com Lauro de A. S. Rafal respondendo às perguntas dos leitores.

Paulo A. S. Rafal apresenta em seu artigo, pela primeira vez, uma rara, inédita e valiosa interpretação dos principais símbolos que aparecem na imagem da MEMÓRIA, a fada madrinha de nossa revista. E já adiantamos que no próximo número ele falará sobre outra importante figura: a VERDADE.

Agora, caros amigos, podem virar a página e começar a aventura, digo, leitura.

## O LEMBRAR-SE DE SI E A VERDADE

*Paulo A. S. Raful*



*"Vocês se esquecem sempre de si mesmos, vocês nunca se lembram de si mesmos."*  
(pág. 141 do livro *Fragmentos de um ensinamento desconhecido*, de P.D.Ouspensky)

*"Fazia assim alusão ao grupo dos Buscadores da Verdade."*  
(pág. 2 do livro *Encontros com Homens Notáveis*, de G.I.Gurdjieff)

*"... entrou para o grupo dos Buscadores da Verdade."*  
(pág. 164 do livro *Encontros com Homens Notáveis*, de G.I.Gurdjieff)

Segundo uma dada tradição ocidental, somos obrigados a beber, um pouco antes de nascer, das águas do rio Lete, o rio do esquecimento. A razão apresentada por essa tradição para "explicar" essa imposição dos planos superiores de consciência que administram o Universo é que, se não nos esquecêssemos da luz e da plenitude de onde viemos, jamais aceitaríamos passar por uma existência de dificuldades, lutas, esforços e sofrimentos...

Outra tradição, também do Ocidente, aborda o mesmo tema do Olvido, por meio da história do filho pródigo, que, em linhas gerais, é a história de um grande Rei que envia seu filho mais querido para o mundo com o intuito de fazê-lo crescer e amadurecer. O Príncipe vai gradualmente sendo engolido pelas ex-

## A TIPOSOFIA DRUÍDICA DAS ÁRVORES

O Grupo Gurdjieff de São Paulo promove, há cerca de dois anos, seminários dirigidos por Paulo A. S. Raful e Lauro de A. S. Raful sobre a Tiposofia, estudo psicológico dos caracteres humanos, que tem por objetivo a identificação do tipo com que cada um de nós nasceu e que nos diferencia uns dos outros.

A Tiposofia é uma ciência que utiliza o conhecimento de várias tradições espirituais. Ela tem o poder de fazer uma radiografia de nosso interior, mostrando como funcionamos física, mental e emocionalmente. Seu estudo é fundamental para o autoconhecimento, pois é a partir de nosso tipo que atuamos no mundo e construímos nossa vida.

Já foram apresentadas duas etapas desse estudo: a *Tiposofia dos Quatro Elementos* (ar, terra, água e fogo) e *O Sol, a Lua, as Estrelas e o Conhecimento de Si Mesmo*.

Agora, prosseguindo, apresentaremos, a partir do dia 01/10/02, um sistema inédito, o Sistema Druídico das Árvores. Neste conjunto de ensinamentos, nossas características inatas estão ligadas à natureza de um certo grupo de quatro árvores.





SER SER SER

## HISTÓRIAS DA TRADIÇÃO ZEN

### O vento e o estandarte

Um dia, Êno viu dois monges discutindo diante do estandarte do monastério, que oscilava ao vento.

– É o estandarte que está-se mexendo!

– Não, é o vento que se mexe!

Pouco a pouco, o tom de voz foi subindo e a discussão se transformou em altercação. Êno aproximou-se e lhes disse:

– Não é o estandarte que se mexe, e não é o vento que se mexe: é o espírito de vocês que se mexe.

Os dois monges, desconcertados, prostraram-se diante dele.

### O cego

Quando o mestre Bankei faleceu, um cego que vivia perto do templo do mestre disse a um amigo:

– Como sou cego, não posso ver o rosto das pessoas; dessa forma, devo julgar-lhes o caráter pelo tom de sua voz. Em geral, quando ouço alguém felicitar outra pessoa por estar feliz ou por ter sido bem-sucedida, percebo uma nuance de inveja na voz. Quando exprime condolência pelo infortúnio de alguém, escuto uma nuance de prazer e de satisfação, como se, ao se compadecer, ela ficasse, na realidade, contente por restar ainda algo a ser obtido em seu próprio mundo. Em toda a minha experiência, só percebi sinceridade na voz de Bankei. Cada vez que ele exprimia sua felicidade, eu só escutava felicidade; cada vez que ele expressava tristeza, tudo o que eu ouvia, era tristeza.

### O mestre e o ladrão

Ryokan, mestre Zen, levava uma vida muito simples em uma pequena cabana ao pé de uma montanha. Uma noite, um ladrão entrou, apenas para descobrir que nada havia ali a ser roubado.

Ryokan, que retornava, agarrou o ladrão:

– Você deve ter percorrido um longo caminho para me visitar, disse ao vagabundo, e não pode partir de mãos vazias. Queira, por favor, levar o meu hábito como presente.

O ladrão, atordoado, pegou a roupa e desapareceu. Ryokan sentou-se nu, olhando a lua:

– Pobre rapaz, pensou, gostaria de lhe dar esta bela lua.

periências que atravessam seu caminho, empobrecendo-se aos poucos até cair na total miséria e, no final de sua degradação, torna-se guardador de porcos, chegando ao ponto de comer de sua mesma comida. Nesse lamentável estado, completamente olvidado de sua origem, tem a certeza inabalável de que não passa de um “porqueiro”. Finalmente, seu pai, ciente de seu estado, envia-lhe socorro, o que significa que a Providência Divina (o grande Rei) está sempre pronta a ajudar o ser humano.

Os temas do esquecimento, e o da possibilidade e necessidade imperiosa da lembrança, são fundamentais dentro do ensinamento de G.I.Gurdjieff.

O mesmo se dá com a idéia da busca da verdade.

Quando G. fala em “esquecimento de Si” e nos exorta a “lembrar-nos de nós mesmos”, não está referindo-se à nossa pessoa social, mundana, mas sim à parcela “celeste” do nosso Ser. A injunção gurdjieffiana é, portanto, muito mais profunda do que a maioria das pessoas que segue seu ensinamento percebe!

Por trás desse “mandamento” está a compreensão de que somos cidadãos de dois mundos, um celeste e um terrestre: “Através do corpo o ser humano é animal; através do Intelecto, um deus”, já afirmava Platão. Nos

chamados Mistérios de Elêusis, um iniciado proclamava em um dado ritual: “Sou filho da terra e do céu estrelado; entretanto, minha verdadeira raça é celeste”. Diziam também que o ser humano tem “a cabeça no céu e os pés na terra”.

Proseguindo, existe outra revelação muito importante: o rio Lete, as águas do esquecimento, deriva seu nome do verbo grego *lanthanein*, que significa *esquecer*. Pois bem, em grego, acrescentando-se o que se chama de “Alfa privativo” (Exs.: A-teu, A-gnóstico, A-simétrico, etc.) esta palavra transforma-se em “A-letheia”, que significa VERDADE! Vejam que extraordinário: VERDADE = NÃO-ESQUECIMENTO.

Esse desenvolvimento demonstra claramente a conexão entre lembrar-se “DO SI” (nossa parte celeste) e ser “Buscador da VERDADE”.

É mais um exemplo do rico e estimulante “temperamento hermético” do Sr. Gurdjieff como mestre espiritual: tanto oralmente quanto por escrito, sempre se expressou de forma a generosamente transmitir o maravilhoso ensinamento que nos trouxe, mas, ao mesmo tempo, fê-lo de maneira a obrigar-nos a um esforço permanente de compreensão, de busca ativa.

É mais um imenso débito que temos para com esse incomparável Mestre Iniciático.

# MEMÓRIA: UMA GRAVURA DE 1593 E SEU RICO SIMBOLISMO

*Paulo A. S. Rafal*



À noite, em um ambiente de magia e encantamento, contar e escutar histórias tradicionais torna-se uma experiência inesquecível.

Após a apresentação, Paulo e Lauro fornecem-nos chaves para a compreensão dos símbolos.



O Diálogo entre a Raposa e o Galo

e  
O Uropígio

(Duas Histórias das Mil e Uma Noites)



contado por  
Lauro A. S. Rafal

comentado por  
Paulo A. S. Rafal e Lauro A. S. Rafal

dias 24, 25, 26, 27 e 28 de junho de 2002, às 19h30

## AS MIL E UMA NOITES

Duas vezes por ano, Lauro de A. S. Rafal conta histórias das *Mil e Uma Noites* para um auditório cada vez maior, formado por adultos de várias idades, incluindo crianças. No final do semestre passado, tivemos o privilégio de ouvir duas dessas histórias: “O diálogo entre a raposa e o galo” e “O uropígio”.

A apresentação é sempre um grande evento. Na semana em que ocorre, as outras atividades do Grupo são interrompidas, pois o salão (onde normalmente se realizam reuniões e movimentos) é transformado em um teatro de 160 lugares.

À noite, em um ambiente de magia e encantamento, contar e escutar histórias tradicionais torna-se uma experiência inesquecível. O contador, firmemente ancorado na Memória e no poder da Palavra Sagrada, realiza um ato de transmissão que remonta ao princípio dos tempos, resultado de sua qualidade pessoal e da riqueza do ensinamento das próprias histórias. O ouvinte, por sua vez, recupera um pouco a capacidade de ouvir em silêncio, permitindo que sua alma se regozije e se alimente com a graça, a beleza e a verdade que o espetáculo contém.

Depois da apresentação, nossos mestres, com sua habitual generosidade, fornecem-nos chaves para a compreensão dos símbolos.

Desta gravura de 1593, que fornece vários símbolos para esse grande mistério que é a MEMÓRIA, gostaríamos hoje de examinar os seis principais:

**1º Símbolo:** À direita da figura aparece o busto de JANUS, o deus latino das duas faces.

É talvez a mais importante indicação que esta gravura fornece: os dois rostos visíveis de JANUS têm recebido várias interpretações, das quais a mais freqüente é a de que um rosto simboliza o passado e o outro, o futuro.

Podemos ir mais longe: esses dois rostos, que com freqüência aparecem como o de um homem maduro e o de uma jovem, simbolizam as duas naturezas do ser humano. Este ensinamento costuma representar o lado celeste de nosso ser como um homem, geralmente maduro, e o lado terrestre como uma bela jovem. É o ensinamento mais importante de todos, pois, se não o entendermos claramente, nada compreenderemos do ser humano: temos um lado “cordeiro” e o outro “lobo”, um lado que é um “Anjo” e outro que é uma fera voraz, um animal.

Somos uma Consciência usando um organismo biológico.

É este o significado profundo da referência evangélica à

“pequena semente de mostarda” (= nossa natureza celeste) jogada na terra (= natureza física); é também “o dinheiro investido com os usurários”; é também “o óleo na lâmpada das virgens”, etc.

A MEMÓRIA, neste caso, é o que os antigos chamavam de o rosto invisível de JANUS, seu terceiro rosto, isto é, a CONSCIÊNCIA de que somos, na realidade, um ser duplo.

Só sendo três, isto é, duas faces mais uma MEMÓRIA-CONSCIÊNCIA, somos inteiros, e só sendo inteiros, somos reais.

Só seremos de fato humanos quando formos JANUS.

**2º Símbolo:** O manto simboliza o recolhimento e o silêncio que dele advém.

**3º Símbolo:** O manto que cobre parte da figura da MEMÓRIA é negro.

É óbvio que o simbolismo do negro é muito amplo. No caso particular, significa:

**(a) SUSSURRO:** a CONSCIÊNCIA-MEMÓRIA é um leve toque em nós, que só pode ser percebido se silenciarmos.

**(b) ENCANTO:** só a percepção integral de nosso ser, de nossos dois lados, pode encantar nossa vida neste mundo tão confuso.

(c) Esta MEMÓRIA é o Tesouro Escondido do qual falam os contos de fada.

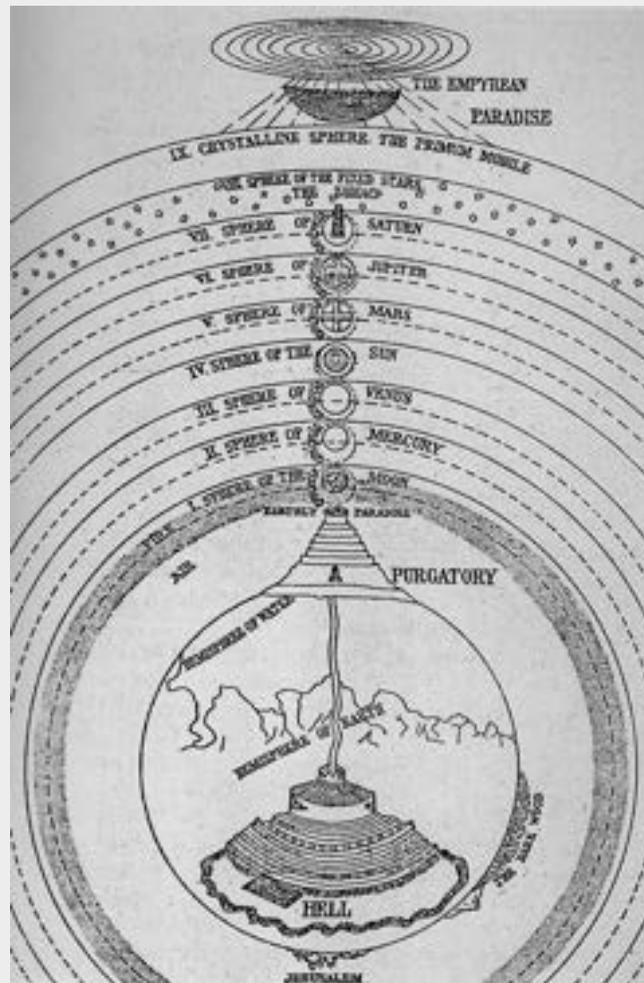
(d) UNIÃO: só esta MEMÓRIA pode brindar-nos com um sentido claro do SAGRADO, fazer-nos sentir-nos unos com o Cosmo.

**4º Símbolo:** Sobre a cabeça de JANUS aparece uma cabeça de elefante.

• Neste caso particular, o elefante significa que a MEMÓRIA do Ser, a lembrança do Si, é o fundamento, a base e o suporte de toda e qualquer possibilidade de transformação e refinamento pessoais.

• O mesmo elefante contém, sempre nesta particularidade, um segredo extraordinário: na figura ao lado, corresponde à esfera chamada *the zodiac*, ou *fixed stars*, que é o segundo degrau da manifestação, vindo logo após o *Primum Mobile* ou DEMIURGO, que corresponde ao Mundo Três no diagrama do Raio de Criação, ou “Todos os Mundos”.

Isto pode significar muitas outras coisas: uma delas é que a MEMÓRIA pertence ao Mundo Três, o plano da Santíssima Trindade. Fica claro que, na medida em que pudermos ficar em silêncio à escuta do sussurro dessa MEMÓRIA, estaremos muito próximos da ORIGEM de toda manifestação.



Michelangelo Cactani,  
*La Materia della Divina Comedia di Dante Alighieri, 1855*

#### CONSIDERAÇÕES:

- Vamos permitir que os símbolos apresentados se manifestem em nós.
- A figura formada pelas quatro linhas é uma cruz.
- Podemos dizer que a figura define três níveis, cada um dividido em três partes.
- Atribuímos números às casas do jogo, tentando uma abordagem numérica que poderá relacionar-se com a compreensão do cosmo.
- Nota-se claramente, com os números, a representação mais comum do “nonário” com o oito centrado.
- O jogo só é ganho na formação de um ternário.
- Só existem oito possibilidades de se fechar o jogo.
- Vejamos agora, dentro das oito possibilidades, quais os ternários possíveis:

#### Na horizontal:

Ternário 1-2-3: soma teosófica 6 (dois ímpares e um par)  
Ternário 4-5-6: soma teosófica 6 (dois pares e um ímpar)  
Ternário 7-8-9: soma teosófica 6 (dois ímpares e um par)

#### Que representam estes no Eneagrama?

#### Na vertical:

Ternário 1-4-7: soma teosófica 3 (dois ímpares e um par)  
Ternário 2-5-8: soma teosófica 6 (dois pares e um ímpar)  
Ternário 3-6-9: soma teosófica 9 (dois ímpares e um par)

#### Vamos rever a Revista SER 2, O ENEAGRAMA (\*). Teria algo a ver?

#### Nas diagonais:

Ternário 1-5-9: soma teosófica 6 (três ímpares)  
Ternário 3-5-7: soma teosófica 6 (três ímpares)

#### Verifiquemos em que condições de jogo elas aparecem.

Partindo da premissa de que “as leis de um jogo são a essência desse jogo”, torna-se fundamental determinar quais as leis aplicáveis ao **Jogo da Velha**.

Resolvemos denominar o jogador que inicia o jogo como **ativo** e o oponente como **passivo**.

Chegamos então a três leis fundamentais que regem todo o processo.

#### PRIMEIRA

**Ativo** iniciando pelas posições um, três, sete ou nove (extremos).

**Passivo** empata se for para o centro.

**Passivo** perde se não for.

#### SEGUNDA

**Ativo** iniciando pelas posições dois, quatro, seis ou oito (meios).

**Passivo** sempre empata.

#### TERCEIRA

**Ativo** iniciando pela posição cinco (centro).

**Passivo** empata se for a um, três, sete ou nove (extremos).

**Passivo** perde se for a dois, quatro, seis ou oito (meios).

#### Obs.:

Estas leis pressupõem que tanto o **ativo** como o **passivo** estejam atentos (**conscientes**).

Podemos, a partir das leis enunciadas, concluir que:

O **ativo** jamais perde (ganha ou empata).

O **passivo** jamais ganha (empata ou perde).

#### Existirá alguma relação entre o processo acima e o do Eneagrama? Qual?

#### (\* Errata:

na revista SER 2, página 25, item 2, onde se lê “Triângulo 3-8-5”, leia-se “Triângulo 2-8-5”.

#### Referências:

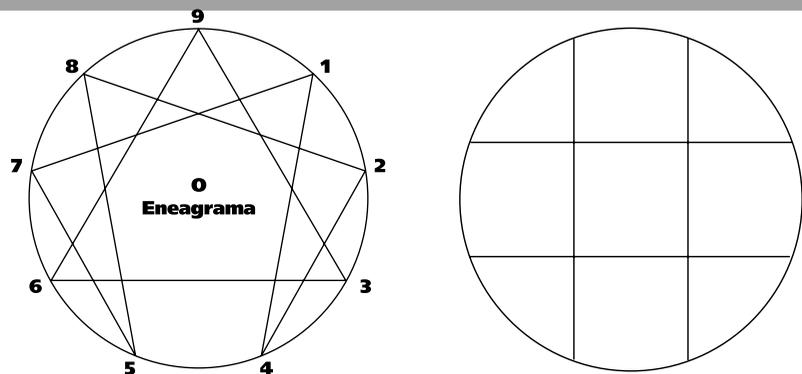
P.D.Ouspensky, *Fragments de um Ensino Desconhecido*  
Mario F. dos Santos (Ibrasa), *Pitágoras e o Tema do Número*  
Maëla - Patrick Paul (Presence), *Le Chant Sacré des Energies*

# ENEAGRAMA

## Especulações não Conclusivas

Re\_natus

artigo



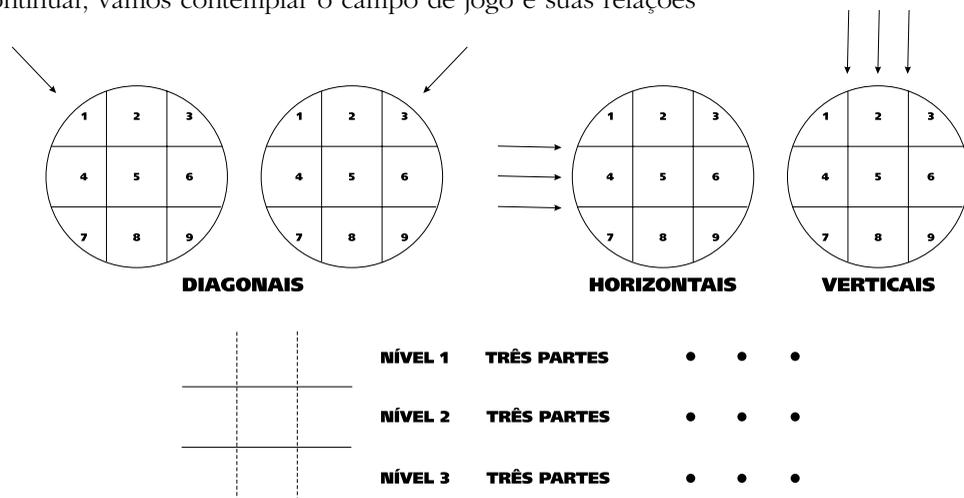
Para esta série de artigos sobre o ENEAGRAMA, o primeiro jogo escolhido foi o **Jogo da Velha**.

Várias razões me levaram a esta escolha; a mais significativa é a aparente simplicidade, em contraponto à sua notoriedade. Quem não conhece o Jogo da Velha? Quem nunca o jogou?

Nas pesquisas realizadas, não foi possível obter informações precisas. Minhas deduções são as que se seguem:

**Origem:** Desconhecida  
**Tipo:** Jogo de salão  
**Campo de Jogo:** Formado por duas linhas paralelas, cruzadas perpendicularmente por outras duas linhas paralelas  
**Participantes:** Dois jogadores atuando alternadamente  
**Forma:** Cada jogador faz sua marca em um dos nove espaços delimitados (as "casas")  
**Marcas:** Os sinais usados são "X" e "O"  
**Vencedor:** Aquele que conseguir primeiro alinhar três de seus sinais

Consideraremos, a partir de agora, essas informações como: **REGRAS DO JOGO DA VELHA**. Antes de continuar, vamos contemplar o campo de jogo e suas relações



Registre-se também que, no plano da Santíssima Trindade, a MEMÓRIA fará o papel da Força Conciliadora.

**5º Símbolo: O CACHORRO** (negro também):

No caso significa:

- **CONFIANÇA:** É só nesta MEMÓRIA que podemos realmente confiar, como eixo de nosso existir.

- **FÉ:** Só os instantes de vislumbre desta MEMÓRIA podem dar-nos a verdadeira FÉ, isto é, um QUASE-CONHECIMENTO da REALIDADE SUPERIOR, da REALIDADE METAFÍSICA.

Essa FÉ é uma quase-ciência e nada tem a ver com a noção comum de fé.

- **DESEJO:** Esta MEMÓRIA produz em nós a fome espiritual, a sede de ser.

**6º Símbolo: A MEMÓRIA** leva a mão à orelha:

(a) significa FORÇA, PODER: ela é o verdadeiro poder.

(b) SABEDORIA SECRETA: a MEMÓRIA das coisas divinas é a sabedoria oculta.

(c) BÊNÇÃO: a MEMÓRIA de nossa origem divina é a única bên-

ção verdadeira.

(d) FILHOS DE DEUS: só recuperando esta MEMÓRIA seremos filhos de Deus, não apenas filhos do Homem (= nossa parte animal).

(e) Finalmente, para não nos estendermos mais, um significado extremamente surpreendente: PESCADOR, ou seja, aquele que pesca seu Alimento no Silêncio das Águas Profundas.

Com isso fica estabelecida uma relação clara com São Pedro (*et altri*)! O que sugere fortemente que o trabalho esotérico do Cristianismo era justamente a LEMBRANÇA e que os Apóstolos, com Pedro à frente, eram Mestres do Silêncio e da Escuta.

(f) É claro também que a mão tocando a orelha está indicando que a Prática ou Disposição Básica de espírito da Tradição Ocidental é o "ficar à escuta", à escuta do Silêncio, do Infinito.

Para encerrar, não deixaremos de dizer que as indicações acima, tão sinteticamente expressas, são passíveis de amplo desenvolvimento. Nossa preocupação é a de oferecer chaves básicas, para que o leitor interessado possa desenvolver sua própria compreensão.

# DIÁLOGOS COM UM HOMEM DE ATENÇÃO

## entrevista

Questões respondidas por Lauro de A. S. Rafal



Dançando com a natureza

A sólida leveza da terra



ásana 4



ásana 5



ásana 6

Ásana 5 (foto) CONCENTRAÇÃO

EXECUÇÃO: Gire o tronco para a frente e junte as palmas das mãos, levando os braços esticados para a frente.

Ásana 6 (foto) DESAFIO

EXECUÇÃO: Estique a perna da frente (direita). Tire a perna esquerda esticada do chão, junte as palmas das mãos à frente, deixando o corpo na horizontal.

OBSERVAÇÃO: As passagens de um *ásana* para outro são feitas em forma de coreografia mesmo, isto é: não desmanche um de forma estanque ao passar para outro, mas faça da maneira proposta nas descrições dos *ásanas*.

Exemplo: Do *ásana* 1 você passa para o 2 deixando os braços levantados e esticados acima da cabeça, deslocando a perna direita para frente e a esquerda para trás. E a cabeça vai para cima.

SUGESTÃO: Quando estiver deprimido(a), desanimado(a), sem coragem para lidar com a vida, pratique VIRABHADRA NAMASKARA e depois me conte os resultados!

Um abraço apertado!

Martha

Citação 9.41 do KULÂRNAVATANTRA

"O corpo é a morada de Deus, ó Deusa. A psique (*jêva*) é o Deus *Sadâ-Shiva*. O Homem deve deixar para trás os restos da oferenda da ignorância. Deve adorar com o pensamento 'Eu sou Ele' ".

*Kulânavatantra*: um dos textos mais importantes da tradição *Kaula*, provavelmente composto entre 1000 e 1400 d.C.

fotos de Paula Machado Bleier

# VIRABHADRA NAMASKARA

Martha Machado D'Andrea

VIRA = HERÓI  
BHADRA = VIRTUOSO, PURO, PRUDENTE, EXCELENTE, SÁBIO  
NAMASKARA = SAUDAÇÃO

Encontramos no Yoga vestígios de coreografias primitivas. VIRABHADRA NAMASKARA é uma delas.

Poderíamos inspirar-nos no nome da coreografia e buscar essas qualidades; ao praticar cada *ásana* (postura) da coreografia, tentar sentir essa relação, por meio da sensação que cada uma produz em nosso corpo, em nossa emoção e em nosso mental.

A postura deve ser mantida enquanto for confortável.

## Ásana 1 (foto) EQUILÍBRIO

EXECUÇÃO: Cruze os dedos das mãos deixando o polegar e o indicador esticados; inspire elevando os braços esticados acima da cabeça e fique nas pontas dos pés. Expire. Fixe um ponto à frente.

## Ásana 2 (foto) FORÇA

EXECUÇÃO: Leve a perna direita esticada à frente, os braços esticados acima da cabeça, corpo bem esticado; a cabeça vai para cima; olhe para as mãos.

## Ásana 3 (foto) ENERGIA

EXECUÇÃO: Você passa do 2 para o 3 simplesmente flexionando a perna da frente (direita); continue olhando para cima.

## Ásana 4 (foto) ABERTURA DE PEITO – CORAGEM

EXECUÇÃO: Desça os braços, abrindo-os na horizontal, girando o tronco para a sua esquerda. A cabeça vira para a direita (olha para a mão direita).



ásana 1



ásana 2



ásana 3

**Gisele Cruz: Analogicamente, o Raio de Criação existe em nós. Supondo que os “pontos” sejam a Lua, a Terra, os planetas, etc., o que seria em nós a vida orgânica e qual o papel da Lua nessa relação em nós?**

**Lauro:** O Raio de Criação realmente existe em nós. Podemos dizer que são pontos energéticos, diferentes “chacras” que se localizam em nosso corpo desde cima, do topo da cabeça, até embaixo, no final da coluna vertebral. A Lua representa para nós o ponto mais baixo, que seria o ponto de nossa sexualidade, de nossas forças biológicas: toda a capacidade de procriação e a necessidade de se movimentar no mundo, de comer, beber, etc. A Lua representa isso, é esse ponto “devorador”, em certo sentido. Os seres humanos vivem geralmente sob essa dominação. O cara pensa e sente em torno disso. Então a Lua é todo o nosso sistema biológico/sexual. A vida orgânica em nós já seria o que está entre a Terra e o mundo planetário, é algo que vai-se criando entre essas forças biológicas e o nosso peito, que vai fazendo uma ligação possível entre nosso sentimento e a vida lunar, das forças de reprodução, sobrevivência, etc. É algo que tem de ser criado, uma sensação nova na região do umbigo, basicamente, que possibilita uma ligação entre o sentimento que está no peito e esse mundo devorador, lunar. Ele é devorador não porque seja mau, evidentemente. Ele atende às necessidades do planeta, desse nível planetário: necessidades de reprodução, de comida, de ter um teto, de guarida, sobrevivência, etc. Basicamente é isso. É uma sensação nova que tem de ser criada, que vai fazer uma ponte entre toda a nossa parte biológica e a parte do sentimento, unindo as duas, alguma coisa que vem de baixo, lunar, que vai-se transformar pouco a pouco em uma necessidade de um fino sentimento. É uma sensação nova de si mesmo, que estaria associada basicamente ao umbigo.

**SER: Essa vida orgânica depende dessa base embaixo e do quê em cima?**

**Lauro:** A base lunar é que nos dá a força para essa subida e depende desse trabalho gurdjieffiano que fazemos aqui, em nossa Escola, ou seja, uma descida do topo da cabeça, que vai acordando o mundo lá de

baixo; essa descida vem e pode ser até mesmo em cores (como um violeta ou um dourado, por exemplo). São forças de outro nível, do nível solar para cima, e que vêm para este mundo daqui, acordando de uma nova forma as forças lunares, e regridando-as. É alguma coisa que vai-se produzindo na região do umbigo. Então precisamos fazer a ponte entre as forças descendentes que vêm dos mundos de cima e as ascendentes que vêm da “Lua”, ou seja, de nossa base, da coluna cervical, do que é também chamado de *kundalini* pelos hindus.

**Gisele Cruz: Nos Fragmentos, capítulo 9, aparece a simbologia das forças usando as tríades de Carbono (ativo), Oxigênio (passivo) e Nitrogênio (neutralizante), nessa ordem. Já no diagrama da alimentação, aparece o Oxigênio como força ativa e o Carbono como força passiva. Na tríade seguinte, não se fala qual é a ativa e qual é a passiva, mas o Nitrogênio vira Oxigênio, ou seja, a força ativa. Por que esses símbolos foram usados de maneiras diferentes?**

**Lauro:** Na realidade, aquilo que é ativo em um certo momento pode ser passivo em outro, o que é neutro em um momento poderá ser passivo ou ativo em outro, depende da combinação das três forças. Por exemplo, um homem é ativo diante de uma mulher em determinada circunstância e, em outra, ela poderá ser ativa e ele passivo. Depende do trabalho que deverá ser feito. Vamos supor que a mulher seja uma dona de casa; junto ao filho ela poderá ser muito ativa e em relação ao marido, passiva. O homem, basicamente, é a força ativa e a mulher, a passiva. Tudo no mundo depende da relação entre as três forças: ativa, passiva e neutralizante. Então, insisto em que elas podem assumir papéis diferentes em momentos diversos. Você tem um sócio que trabalha dentro de um escritório, é o passivo. O outro que sai para vender é o ativo. Em um certo momento, eles podem mudar de condição. O que ficou no escritório começa a produzir o que o outro vende; nesse momento, ele assume o papel da força ativa. Depende do ponto de vista, não é que o passivo seja passivo porque é passivo, está na dependência das outras forças. A terceira força, a neutralizante, é que une as duas forças antagônicas. Um exemplo de neutralizante é um árbi-

tro, um juiz. Ele é neutro frente a duas pessoas que estão brigando. Em outro momento, ele próprio pode estar brigando e um daqueles outros dois pode ser o árbitro. Então, não existe uma coisa que seja só passiva ou ativa ou neutralizante. Voltando à questão do homem e da mulher: ele é a encarnação de uma força ativa e ela, a encarnação de uma força passiva. Mas dependendo da situação, isso pode-se inverter. A mesma coisa acontece nessas tríades.

**SER: Essas três forças têm o mesmo valor e potencial? O que muda é a função delas em um determinado diagrama?**

**Lauro:** Exatamente. Depende do papel que cada uma está representando naquele momento. Isso é interessante. Vamos supor uma pessoa que se considere fraca, passiva: dependendo do papel em que se colocar, do objetivo, ela poderá ser extremamente ativa. Uma mulher que era dona de casa, por exemplo, que cuidava dos filhos, atendia os desejos do marido, etc.: um dia esse homem morre e ela fica sem dinheiro, e tem de ir à luta para sobreviver, tornando-se ativa. A passividade dela era momentânea. Visto dessa maneira fica muito interessante, porque nos liberta de papéis fixos.

**Mariett: O que é ser cristão? E por que o Sr. Gurdjieff, nos Fragmentos, menciona cristão e não hebreu, muçulmano, etc.?**

**Lauro:** Começando pela segunda parte da pergunta: ele não menciona nos *Fragmentos* (mudando em outras obras suas) hebreu ou muçulmano porque, especificamente neste livro, o Sr. Gurdjieff declara praticar o cristianismo esotérico. O cristianismo esotérico é aquilo que nós não sabemos o que é, porque toda a noção que nos chegou do cristianismo é exterior. Não temos a menor noção do que era o cristianismo na origem, só uma pálida idéia com a leitura dos Evangelhos. Não conhecemos as práticas que eles tinham, os movimentos, as danças, toda a alegria que era ser cristão. Chegou para nós uma coisa triste, carrancuda; em certo sentido, falta amor, vida. E quando se pergunta o que é ser cristão, podemos responder que é entrar na consciência crística em nós.

No budismo se fala que cada um de nós é Buda, ou seja, tem a possibilidade de ser um Buda, um iluminado. No cristianismo é a mesma coisa. Da mesma maneira, ser cristão, ser Cristo deveria ser uma possibilidade para cada um de nós. Jesus, neste caso, é o nome de um personagem. Nós poderemos ser Cristo como poderemos ser Buda. Isso acontece quando um ser humano se abre para seus centros superiores, para a fé, a esperança, e a caridade ou amor. São qualidades de centros profundos nele. Enquanto dependermos de um mental de superfície, de um mundo emocional caótico e de um mundo biológico lunar, nós não escapamos, não somos cristãos. Só poderemos sê-lo quando entrarmos em contato com essa profundidade onde os centros superiores – o mental e o emocional superior – começam a se manifestar em nós. Só poderemos alcançar a fé, a esperança e a caridade ou amor quando contarmos a profundidade em nós. Não temos isso, não o somos, enquanto seres exteriores.

**SER: Lembrando os dois primeiros mandamentos do cristianismo, amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo: viver essas duas possibilidades colocaria o ser humano em um estado de plenitude divina, de iluminação.**

**Lauro:** Mas um homem não pode amar a Deus sobre todas as coisas enquanto vive grudado em seu mundo de necessidades básicas. É claro que nós precisamos atender nossas necessidades básicas de comer, beber, dormir e procriar. Mas tenho de me alçar disso. Só entrando em contato com a profundidade é que posso alçar-me. Amar a Deus sobre todas as coisas é entrar em contato com Deus. Deus é silêncio. É preciso definir isso. Deus não é uma figura, um ser humano astronômico. Deus é silêncio, Deus é calma, tranquilidade, relaxamento. São maneiras como o Divino se manifesta. O silêncio é a fala do Divino: é estranho se expressar desta maneira. O verbo do Divino é o silêncio. Assim, os centros superiores são a calma, o relaxamento e o silêncio.

**Silvio: Tenho percebido, após algum tempo (um ano e meio) freqüentando o Grupo, que muitas vezes é colocada a questão homem/mulher, masculino/femi-**



Texto adaptado do livro "A Arte da Guerra Aplicada à Arte de Viver" de Lauro Rafal e Vita Mesniks

# A LENDA DO RIO DA VIDA

conto da tradição sufi,  
adaptado por Carmem Silvia de Carvalho

Originário de longínquas montanhas, após atravessar cidades, vales e muitas regiões acidentadas, um rio finalmente alcançou o grande deserto. Como vencera até então todos os obstáculos que encontrara pelo caminho, tentou mais uma vez seguir viagem. Mas qual não foi sua surpresa ao perceber que, ao se mover, suas águas eram imediatamente absorvidas pelas areias, desaparecendo completamente!

Algo dentro dele, entretanto, recusava-se a aceitar essa situação. Presentia que seu destino era atravessar o deserto. Mas como? Dias e noites se passaram e o rio permaneceu tranqüilo, enquanto aguardava uma inspiração, uma possível ajuda.

Um dia, ao amanhecer, ouviu um sussurro que parecia vir da imensidão do deserto e que dizia:

– Siga o exemplo do vento, aprenda com ele.

– Mas eu não posso voar!... retrucou o rio. Isso é impossível...

– Permita que o vento o absorva, assim ele poderá transportá-lo para o outro lado do deserto, respondeu a voz misteriosa.

O rio ficou pensativo por algum tempo, pois essa possibilidade o assustava sobremaneira. Em toda a sua vida, nunca se deixara absorver ou conduzir por ninguém. Afinal, tinha sua individualidade a preservar. Caso a perdesse, como poderia recuperá-la mais tarde?

– O próprio vento desempenha esse papel, disse-

ram as areias. Ele eleva a água, transporta-a sobre o deserto e depois, do outro lado, deixa-a cair em forma de chuva. E assim a água novamente se converte em um novo rio.



foto de Ansel Adams

– Como posso ter certeza de que voltarei a ser o mesmo rio que sou agora?

– Você não pode, de maneira nenhuma, permanecer assim; acabará seco ou se transformará em um pântano malcheiroso. Sua única chance de continuar existindo é ser transportado.

O rio percebeu que algo lá no seu profundo, uma espécie de memória, tentava vir à tona. Recordou vagamente que uma parte dele, não sabia qual, já fora transportada pelo vento. E ali, às margens do deserto, tomou sua decisão: se não posso retornar, se não posso continuar parado, então só me resta confiar e me entregar.

Finalmente, o rio permitiu que suas águas se elevassem e fluíssem com o vento, por quilômetros e quilômetros de distância, até chegar ao topo de uma majestosa montanha, por onde desceu na forma de uma chuva benfazeja. A mata, os animais assistiram ao nascimento de um novo rio, pleno de pujança e frescor.

Conta a lenda que, a partir dessa experiência, o rio conheceu sua verdadeira identidade e se tornou um sábio.

É daí que vem o ditado popular: “o destino do rio da vida está escrito nas areias”.

**nino, de forma a deixar claro que cada um tem um comportamento complementar, isto é, coloca-se a união homem e mulher como sendo primordial (talvez a palavra seja simplesmente “mais comum”). Como o Grupo Gurdjieff vê as demais opções sexuais, o homossexualismo? Até que ponto a opção sexual tem qualquer conexão com o crescimento interior?**

**Lauro:** De fato, a relação homem e mulher é primordial para a vida do ser humano. Durante a vida inteira, o homem vive atrás da mulher e a mulher atrás do homem. É primordial. Dá um sal à vida; nós desejamos estar junto com o outro, ansiamos por abraçá-lo, nos complementarmos com ele. É fundamental. Sem isso a vida perde muito do sabor, ficamos um pouco duros. O homem precisa daquela coisa macia da mulher, da mulher que não está contra ele, claro! E a mulher precisa do jeito positivo, forte, do homem, se ele está a fim de ajudá-la, se não é um homem negativo. Então é fundamental esse relacionamento. É só olharmos à nossa volta; por exemplo, as pessoas passeando nos *shoppings*: vemos vários casais e mesmo os que estão sozinhos estão procurando parceiros. Há um grande sofrimento no ser humano por não ter o seu complementar, e complementar não significa obrigatoriamente um parceiro fixo, podendo variar. O outro é muito importante. É claro que alguns buscadores passarão sem o outro; é possível, evidentemente, se as condições o obrigarem a isso. Mas se pudermos ter o outro ou outros como complemento, já que você não precisa fixar-se em uma pessoa só, será muito mais interessante. Em cada pessoa haverá ângulos novos de comportamento e isso trará um enriquecimento muito grande. O homem cresce quando se defronta com a mulher, e vice-versa. Se não nos matarmos completamente, poderemos crescer, e muito. Então é fundamental, por que não? O Criador não nos fez homens e mulheres ao mesmo tempo, não nos fez hermafroditas. Nós ansiamos pela outra pessoa; por que não desenvolver ao máximo essa possibilidade – através de casamento, namoros, jogos amorosos, e daí por diante... é tão gratificante isso, por que não?

Agora, com relação à sua outra pergunta, eu diria que existem pessoas que são homossexuais, tanto mascu-

linos quanto femininos. E não há nenhuma condenação a isso. Cada uma encontrará seu parceiro. Agora, faltará uma série de coisas que a complementação traz. Ou seja, pessoas do mesmo sexo que se amam terão uma falta muito grande de certas qualidades que o outro sexo pode trazer. Agora eu não vou condenar essa relação. Se a pessoa tem essa necessidade, é porque o ser dela tem a necessidade de estar em contato com outro ser do mesmo sexo. Não estamos aqui para condenar e nem seria o caso, pois se trataria de uma atitude totalmente anacrônica. Mas é uma pena, porque falta o embate da força positiva com a força passiva. Claro que na relação entre pessoas do mesmo sexo sempre haverá um que será mais passivo e o outro mais ativo. Sempre existirão esses papéis. Agora, falta alguma coisa: no chamado *gay* (que quer dizer “alegre”, em português), na realidade falta uma certa alegria. A alegria que aparece é um pouco forçada. Quando se olha mais de perto o homossexualismo, há alguma coisa que fica um pouco triste porque falta o embate do verdadeiro masculino com o verdadeiro feminino. Quanto ao trabalho interior, temos notado que, entre os homossexuais dos diferentes grupos (sempre há uma porcentagem, como é normal em toda a população), muitos estão crescendo, passando algo muito forte e interessante, com compreensões profundas, e que poderão desenvolver-se na medida de cada um. Não há uma condenação, de jeito nenhum. Nossa experiência com os grupos é que os homossexuais crescem e são pessoas que dão uma contribuição incrível em todos os setores, nas artes, na cultura, etc., e que crescem na medida de cada um, como qualquer ser humano.

**SER: O Sr. Gurdjieff não teve um grupo formado de homossexuais?**

**Lauro:** O Sr. Gurdjieff, por volta dos anos 30 ou 40, teve um grupo de mulheres lésbicas: the Rope, a corda. Era um grupo de pessoas famosas, escritoras, Georgette Leblanc, por exemplo. E ele lidou bem com isso. Não sei quais eram os objetivos específicos dele, mas ele fez um grupo com elas. E elas tinham poderes dentro do grupo, poderes interessantes e ajudaram-no muito, aparentemente.

**Márcia K.: Sinto uma grande necessidade de compreender o passado, principalmente o de minha família e do lugar onde nasci. De onde vem essa necessidade?**

**Lauro:** O passado tem de ser revisto porque nós temos visões totalmente erradas de tudo o que nos aconteceu. Precisamos fazer com que a nova consciência que surge através do trabalho interior, da observação de si, do relaxamento, de forças que começam a descer e de forças que começam a subir em nós, reveja o passado, e com isso nós nos livramos. As coisas que aparecem, que querem surgir, estão-se oferecendo à consciência para que esta as transforme. Muitas coisas antigas ficam em nós em forma de tensão, como conceitos errados e hábitos negativos, e tornam-se anacrônicas. Essa nova consciência aparece também na história das *Mil e Uma Noites* que contamos neste semestre. Na história, o filho do clarinetista simboliza uma nova consciência em nós. Filho, nesse caso, simboliza o nascimento dessa *nova* consciência. É ela que tem de rever tudo, destruindo mitos do passado, tudo aquilo que já era, o lixo atômico que vai-nos minando por anos a fio e acabando com a nossa felicidade, nossa calma, etc. Então, quando o passado aparece, devo dar-lhe atenção com uma nova consciência, sem tentar lidar a partir dos meus conceitos, dos meus pensamentos habituais. Não! Através de uma consciência que está aqui para nos libertar e se libertar, pois nossa consciência hoje é prisioneira de conceitos e hábitos antigos, de velhas emocionalidades. Tudo isso tem de ser rompido. É a nova consciência que trabalha, que relaxa tudo isso e vai desfazendo os mal-entendidos. Por exemplo, quando você é criança, vamos supor que com 10 anos de idade, vê a casa em que mora como enorme, o quintal parece imenso. Ao retornar com 25 anos, olha tudo de novo e diz: esse quintalzinho era aquele mundo imenso para mim? Sua consciência na época via tudo como enorme, mas a consciência atual, não. É assim com tudo, com aquilo que o incomodava, que era um pepino. Por exemplo, uma mulher lembra que, quando menina, alguém roubou sua boneca mais estimada... hoje aquilo não significa nada para ela, e é assim com todas as nossas queixas. Eu digo: meu pai não fez algo que eu queria quando criança, foi maldoso

comigo. Mas se você aplicar a nova consciência a isso, vai ver que não! Que talvez ele tenha feito o que pôde e você interpretou aquilo como um castigo. É muito bonito isso. Então, se as coisas do passado aparecerem, limpe-as, reveja-as, através da nova consciência que surge.

**Márcia K.: O que se pode ensinar desde cedo às crianças, relativamente ao trabalho interior?**

**Lauro:** O que se pode ensinar às crianças é que elas podem ter uma possibilidade de transformação do ser humano. Todo ser humano pode ser “o herói”. O “herói” é aquele que faz as coisas de modo diferente, que não se satisfaz apenas com o que a vida oferece. Ele quer mais, quer ser diferente da corrente ordinária da vida, distinto dos amigos que só estão bebendo no bar, trabalhando no escritório, que estão apenas ganhando dinheiro. Ele quer lutar contra as forças da natureza e subir. Então temos de ensinar isso, que podemos passar por meio de histórias tradicionais, tipo *Mil e Uma Noites*, *Mahabharata*, a história do *Macaco Peregrino* (o livro que estamos oferecendo agora no Grupo), a mitologia grega, etc. Precisam ser temas que tenham um significado, não podem ser essas histórias babacas, tipo Walt Disney, que até podem ser bonitas mas não têm um significado interior. O jovem tem de saber que existe algo mais na vida, que não é visível para os olhos, mas é sensível para a alma. Nossa alma é sedenta de ser diferente, ela quer a imortalidade. Mas não adianta só falar, se eu não mostrar também meu ser transformado para um filho. Ele tem de sentir que seu pai, sua mãe, seu preceptor são homens e mulheres em andamento, em direção à própria libertação, a seu espaço interior, em direção a sua humanidade, que pode ser cheia de amor, de compaixão, de serviço para as pessoas em volta, para a comunidade. Tenho de ensinar ao jovem que é possível, que há um caminho interior, que existe a possibilidade de ele se ligar àquilo que não é visível para os olhos; que a vida corrente é necessária, porém não tem uma resposta em si mesma, é apenas uma passagem momentânea para outros níveis de ser. A vida exterior em si mesma não tem o menor sentido. Você pode ganhar dinheiro, ser rica, e tudo isso a deixar extremamente infeliz. A vida

## xícara de óleo

conto da  
tradição hindu,  
adaptado por  
Luiz Domingues



Narada pôs-se a observar o homem, que, inquietando-se, perguntou:

– Qual é o problema, senhor?

– É que um amigo me falou de você. Se não se importa, poderia descansar em sua casa? Tenho ainda um longo caminho a percorrer.

Gopal Das aquiesceu alegremente, levando-o para sua casa. Lá, Narada pôde observar que ele levava a vida de um chefe de família comum. Trabalhava duro na fazenda, cuidava de um parente enfermo, discutia com a mulher os problemas da casa, repreendia os filhos quando necessário, participava das questões da vila, levando assim a vida típica de um homem do campo.

Narada observava tudo com desconfiança e percebeu que o homem pronunciou o nome de Vishnu apenas três vezes no dia inteiro. Assim, retornou a Vishnu, queixando-se:

– Meu Senhor, pelo menos uma vez cometeu um erro. O endereço estava errado!

– É mesmo? Vamos ver, replicou Vishnu. Por ora, meu querido Narada, pode fazer-me um favor? Leve esta xícara cheia de óleo e coloque-a no monte Meru. Você tem de andar na velocidade de um homem comum e não deve derramar nenhuma gota de óleo da xícara, senão a missão fracassará.

Segurando a xícara, cheia até a borda, Narada carregou-a cuidadosamente até o Monte Meru. Levou um dia inteiro para cumprir a missão, mas ficou feliz de concluí-la. Depois, usando de seu poder divino, retornou em um instante para Vishnu.

– Realizei o que me pediu, disse o exultante Narada.

– Ótimo. Mas diga-me, meu querido devoto, durante o seu longo dia de viagem, quantas vezes lembrou-se de mim? perguntou Vishnu.

– Meu Senhor, coloquei toda a minha concentração na xícara, para que o óleo não derramasse!

– Pois então, Narada! Pense em Gopal Das. Ele carrega muitas xícaras de óleo, que são seus problemas mundanos. No entanto, ele se lembra de mim três vezes ao dia, e só eu sei como é intensa sua devoção! Acha mesmo que lhe dei o endereço errado?

– Agora entendo, meu Senhor. O Senhor nunca pode falar algo que não seja a expressão da verdade!

## Vishnu e a

– Senhor! Gostaria muito de saber uma coisa. Diria a verdade se eu lhe fizesse uma pergunta? indagou Narada.

Vishnu olhou-o com ironia, o que alertou Narada, que logo se desculpou:

– É claro que tudo o que o meu Senhor diz é verdade ou se torna verdade. Foi tolice perguntar se me diria a verdade!

Vishnu sorriu:

– Meu querido sábio, qual é a sua pergunta?

– Gostaria de saber quantos são os seus devotos verdadeiros na Terra.

– É só isso? Ora, tenho muitos!

Narada ficou desapontado com a resposta, que lhe pareceu muito vaga, pois no fundo esperava que o Senhor dissesse algo como:

– Você é o maior entre todos os meus verdadeiros devotos!

Cético, Narada insistiu:

– Tem certeza, meu Senhor, de que existem muitos? E eu já não os conheço?

– Oh, não! Você não deve conhecer a maioria deles.

– O Senhor não poderia dizer-me o nome de um deles assim de repente?

– Por exemplo, veja o caso de Gopal Das, de Bhalapur, que vive nos arredores de Ujjain.

Mal Vishnu acabara de dizer o nome e o endereço do devoto e Narada já se despedia dele. Disfarçado de viajante, partiu para Ujjain. No caminho, ninguém ouvira falar de Bhalapur e muito menos do sábio Gopal Das! Finalmente, Narada descobriu que Bhalapur era uma modesta vila às margens de certo rio. Chegando lá, perguntou logo ao primeiro homem que viu:

– Onde fica o *ashram* do sábio Gopal Das?

Surpreso, o homem respondeu:

– Sábio Gopal Das? Nunca ouvi falar de tal homem!

Narada foi fazendo perguntas a todos os que encontrava pelo caminho, obtendo sempre a mesma resposta. Finalmente, chegou a um fazendeiro que lhe disse:

– Nunca ouvi falar de um sábio que tivesse o meu nome.

– Você se chama Gopal Das? replicou Narada.

– Sim.

– Existe algum outro Gopal Das nesta vila?

– Não.



Narada Muni, pintura de Rāmadāsa, Abhirāma Dāsa, 1982

deveria ser vivida para podermos tornar-nos seres plenos de felicidade, de amor, de paz. Com isso estaremos afetando totalmente o ambiente. O jovem precisa saber que existe isso, que não é uma utopia, que é uma verdade interior.

**Márcia K.: Por que ser apreciado é tão importante para nós?**

**Lauro:** É a coisa mais gostosa, mais maravilhosa do mundo ser apreciado. Não podemos negar. Pode-se dizer que é vaidade, mas não! Você faz um trabalho, por exemplo, em sua empresa, na área comercial. Faz uma boa venda; se seu chefe ou o dono da empresa não diz uma palavra, não fala um ai, você não se sente apreciada. Nós precisamos disso. A apreciação faz com que crescamos internamente. Sem apreciação, nada existe. É como o sol para a planta. Quem lida com plantas sabe disso: você cuida, olha, dá atenção. A apreciação é atenção. A atenção faz crescer as qualidades interiores. Acabamos de ter um exemplo agora com o futebol: o Felipão com a nossa seleção. Havia uma tendência astrológica contrária a nosso time ganhar. Nós dizíamos que um fenômeno novo poderia influir e modificar esse estado de coisas. Chegamos a mencionar nos grupos que, pelos astros, nossa seleção não ganharia a Copa. Acontece que apareceu um fenômeno novo: o treinador Felipão. Ele deu toda uma atenção, uma apreciação aos nossos diferentes jogadores. Estudou *A Arte da Guerra* de Sun Tze (que deu origem a um livro nosso, inclusive) e apreciou todos eles. Apreciou Ronaldo, Rivaldo, e enquanto todo mundo dizia: tem de tirar o Ronaldo de tal partida, ele, provavelmente seguindo uma intuição, manteve o jogador, que fez um gol importante. Ele apreciou da forma justa. Deu atenção a cada um. Todos disseram isso: ele foi um grande líder, foi justo, não foi personalista. Pelo que a gente sabe pela mídia, ele tem um excelente caráter, é um homem honesto, que visava o grupo e ao mesmo tempo reconhecia a individualidade de cada um. O que significa isso? Isso é apreciação. E todos eles batalharam por uma causa comum porque estavam sendo apreciados. Mesmo



**A fonte das águas vivas**

os que não participaram diretamente dos jogos, que ficaram na reserva, ele apreciava. A apreciação faz crescer; não tenha medo de apreciar uma pessoa. Muitos pegam de forma boba achando que é só vaidade. Claro que se pode cair na vaidade; se cair, o azar é seu. Mas a apreciação é alimento para a alma. Por exemplo, você, Carmem, que trabalha nesta revista. Você tem feito um belo trabalho e nós temos apreciado. O que acontece quando apreciamos o seu trabalho? Você cresce como inteligência, como expressão, como gosto pelo que faz. Quer fazer cada vez mais bonito, porque as pessoas estão apreciando. Alguém vai dizer que isso é vaidade? Claro que não. Fica aí como um alimento para a alma. Um filho, por exemplo, faz uma coisa legal, você aprecia. Ele faz uma boa obra, você aprecia. Há pessoas que não são capazes de fazer o mínimo movimento de reconhecimento do outro. Então o outro míngua emocionalmente. A apreciação, insisto, é um alimento para a alma.

### **Márcia K.: É possível aliviar ou desfazer os nós do emocional sem a interferência do pensar?**

**Lauro:** Eu diria que não, em certo sentido. Temos de trabalhar nosso emocional de duas formas. Primeiro, pelo pensar: o trabalho começa pelo mental, há até um trecho nos *Fragments* onde o Sr. Gurdjieff afirma isso. O que significa? Não significa que você vá dominar suas emoções pelo mental, não é isso. Mas você tem de desenvolver um querer com o mental, uma intenção – “eu quero desfazer os nós do meu emocional” – e depois, sim, você entrará com um trabalho de sensação sobre o emocional. Mas tem de haver o trabalho conjunto: um mental claro, que vê os problemas que assolam o seu mundo emocional, e deixar depois que as sensações se abram, se expandam, podendo curar o mundo emocional. Nosso mundo emocional está extremamente necessitado (para ligar com a pergunta anterior) de apreciação. O mental não pode apreciar; geralmente ele passa batido sem olhar para o mundo emocional, pois não o entende. Mas pode começar a despertar para isso. Vivo em um conjunto de três, são três irmãos dentro de mim: o mundo mental, o mundo emocional e o biológico/sexual. Tenho de aprender sobre os

três e ensiná-los a viver em conjunto. É necessário, entretanto, começar com uma intencionalidade do mental para que este se abra às influências mais profundas que vêm da região que podemos chamar de supramental, ou seja, acima do mental. O mental precisa-se abrir, tem de despertar, é o cocheiro da carruagem. Se o cocheiro não sabe lidar com o cavalo que é a emoção, se não sabe fazê-lo ir para a direita ou esquerda, andar a trote, andar devagar, parar, etc., é um cocheiro que não serve para nada. Nós temos, sim, o trabalho de desfazer esses nós começando pelo mental e fazendo contato com o mundo da sensação, e de deixar que a luz do mundo supramental trabalhe os nossos três centros.

### **Márcia K.: Podemos, após a prática, impor as mãos sobre nosso corpo visando à preservação da saúde ou à cura de males?**

**Lauro:** Sim, podemos. É importante mencionar que a prática à qual você se refere é a prática da meditação, do recolhimento. É uma prática em que você relaxa, se entrega, silencia seu mental, buscando entrar em contato com a calma interior, encontrar o relaxamento total de seu corpo. Após praticar uns momentos, 15 minutos, meia hora, o que for, você pode impor suas mãos, pois elas ficam muito magnéticas, passando a ter um poder de cura, inclusive de terceiros. A imposição das mãos em diferentes partes do corpo com uma intencionalidade pode ajudar muito na cura de alguns males, mas isso evidentemente não substitui tratamento médico e remédios, temos de ser muito claros. Entretanto, pode servir como agente catalisador de uma possível cura, de uma ajuda muito grande. Então não devemos passar sem essa possibilidade; são agentes que podem transmitir toda uma intenção do mental, uma força muito quente que vem de nosso mundo emocional e também forças de nossa região biológico-sexual. As mãos são emissoras dessas energias que, nesse momento, são muito finas em nós por causa da prática e podem ajudar a terceiros e a si mesmo.

## **A descoberta da Alma**

**(trecho do Canto Cinco da obra de Sri Aurobindo intitulada Savitri)**

Ela continuou seu caminho à procura da caverna mística da alma.  
Primeiro, entrou na noite de Deus.  
A luz que favorece o trabalho no mundo estava apagada,  
A força que luta e tropeça em nossa vida;  
Este mental impotente abandonava seus pensamentos;  
Este coração distendido deixava suas vãs esperanças.  
Todo Conhecimento malograva em todas as formas de Idéias,  
E a Sabedoria amedrontada ocultava-se cabisbaixa,  
Reconhecendo uma Verdade alta demais para o pensamento ou as palavras,  
Sem forma, inefável, nunca antes encontrada.  
Uma inocente e santa Ignorância  
Adorava, como quando se prosterna diante do Deus sem forma,  
A luz invisível que ela não pode possuir nem solicitar.  
Na simples pureza da nulidade,  
Seu mental ajoelhava-se diante do incognoscível.  
Tudo foi abolido, exceto seu ser despido,  
E a aspiração prostrada de seu coração submisso.  
Não havia nela nenhuma força, nenhum vigor arrogante;  
O grande ardor do desejo tinha desaparecido,  
Envergonhado como uma vaidade separada de si,  
A esperança de uma grandeza espiritual tinha-se evadido,  
Ela não pedia mais a salvação nem qualquer outro poder celeste:  
Nesse momento, a humildade lhe parecia um estado de muito orgulho.  
Seu eu não era nada, Deus sozinho era tudo,  
No entanto, ela não conhecia Deus, apenas sabia que Ele era.  
Nesse momento, uma obscuridade sagrada a envolvia por dentro,

O mundo era uma profunda obscuridade, grandiosa e nua,  
Esse Vazio continha mais que todos os mundos efervescentes,  
Essa nulidade sentia mais do que tudo o que os Tempos trouxeram,  
Essa noite conhecia, silenciosa e infinitamente, o Desconhecido.  
Mas tudo existia sem forma, sem voz, era infinito.  
Como poderia ser uma sombra caminhando num cenário de sombra,  
Um pequeno nada se introduzindo num Nada maior,  
Um fantasma com a silhueta desnuda  
Atravessando uma Noite impessoal sem fundo,  
Ela caminhava silenciosamente, vazia e absoluta.  
No Tempo infinito, sua alma alcançava uma fina beatitude;  
O espaço sem limites tinha-se tornado a morada de seu espírito.  
Por fim, uma mudança aproximava-se, o vazio tinha-se rompido;  
Uma onda a envolveu, o mundo tinha-se movido;  
Novamente seu eu interior tornava-se seu espaço.  
Sentia-se a feliz proximidade do Alvo;  
Os Céus inclinavam-se para abraçar a montanha sagrada,  
O ar tremia de paixão e de delícia.  
Tal como uma rosa esplendorosa numa árvore imaginada,  
O rosto da Aurora surgia num crepúsculo utópico.  
O dia nasceu, sacerdote de um sacrifício de alegria,  
No silêncio que venera seu mundo;  
Trazia, como vestimenta, a glória imortal,  
Arrastava os Céus como uma echarpe púrpura  
E sobre a testa, um sol vermelho era a marca de sua casta.  
Como um velho sonho lembrado que se torna real,  
Ela reconhecia em seu mental profético  
A glória imperecível deste céu,  
A doçura trêmula deste ar feliz,  
Depois, escondida do olhar do mental e dos combates da vida,  
A caverna mística na montanha sagrada,  
E ela reconheceu a morada de sua alma secreta.

SER SER SER SER

## Poemas místicos

*Beatriz Sztutman*

Poemas místicos são poemas de amor. Alimentam-se da carne, mas não se realizam para não morrerem. Amor apaixonado por Deus não poderia ser confundido com o amor sexual. Não é amor de amizade, de caridade, tampouco amor ao próximo. É amor que deriva da consciência plena, iluminação, amor que gera gratidão pela oportunidade de usufruir dos bens da existência terrena.

Não podemos amar a dois Senhores dessa maneira. O amor místico exige entrega total. É bênção que atinge poucos seres, pois são poucos os que o buscam.

O amor místico é perfeito; nele não há lugar para o medo. Sua beleza nos embriaga; por isso, devemos sorvê-lo com parcimônia, como com qualquer boa bebida: olhos, ouvidos, olfato, paladar bem despertos, consciência à flor da pele, a fim de atingir o seu cerne.

Estas são canções de amor eterno, seguro, quente. Canções inteligentes, pois, como mapas, desenham cuidadosamente o caminho que precisamos percorrer para alcançar o divino.

### Canções da alma

*São João da Cruz*

Em uma noite escura,  
De amor em vivas ânsias inflamada,  
Oh! Ditosa ventura!  
Saí sem ser notada,  
Já em minha casa estando sossegada.

Na escuridão, segura,  
Pela secreta escada, disfarçada,  
Oh! Ditosa ventura!  
Na escuridão, velada,  
Já em minha casa estando sossegada.

Em noite tão ditosa,  
E num segredo em que ninguém me via,  
Nem eu olhava coisa,  
Sem outra luz nem guia  
Além da que no coração me ardia.

Essa luz me guiava,  
Com mais clareza que a do meio-dia,  
Onde me esperava  
Quem eu bem conhecia,  
Em sítio onde ninguém aparecia.

Oh! Noite que me guiaste,  
Oh! Noite mais amável que a alvorada!  
Oh! Noite que juntaste  
Amado com amada,  
Amada já no Amado transformada!

Em meu peito florido  
Que, inteiro, para ele só guardava,  
Quedou-se adormecido,  
E eu, terna, o regalava,  
E dos cedros o leque o refrescava.

Da ameia a brisa amena,  
Quando eu os seus cabelos aflagava,  
Com sua mão serena  
Em meu colo soprava,  
E meus sentidos todos transportava.

Esquecida, quedei-me,  
O rosto reclinado sobre o Amado.  
Tudo cessou. Deixei-me,  
Largando meu cuidado  
Por entre as açucenas olvidado.



O fogo transformador

## MADAME JEANNE DE SALZMANN

## textos tradicionais

Ravi Ravindra faz um comovente depoimento de seu trabalho com Madame de Salzmann no livro *Coração Sem Limites*, editado pela Horus, com tradução de Lea P. Zylberlicht.

Selecionamos dois trechos da obra (págs. 13 e 285).



No primeiro, o autor faz uma breve mas precisa apresentação de Madame de Salzmann:

“A Madame Jeanne de Salzmann foi dada a responsabilidade pelo Trabalho por Gurdjieff, antes de sua morte em 1949. Ela cumpriu suas obrigações com uma inteligência e um vigor extraordinários até sua morte, em 1990, com a idade de 101 anos. Entre outras coisas foi responsável pela publicação dos livros de Gurdjieff, pela produção de vários filmes sobre os movimentos e do filme *Encontros com Homens Notáveis*, dirigido por Peter Brook. Ela orientou o estabelecimento das fundações Gurdjieff em Paris, Londres e Nova York. Entretanto, sua contribuição mais importante foi a de conduzir muitos alunos para um novo nível de compreensão.”

No segundo, relembra um diálogo com ela, onde a questão da longevidade aparece de forma interessante e reveladora:

“Fui encontrar-me com Madame de Salzmann.

– A senhora está com boa aparência, Madame!

– Sinto-me bem. Sou mais velha do que pareço. Dentro em breve terei mais de cem anos de idade.

– A senhora tem desafiado o Impiedoso Heropás. Só tenho a metade da sua idade.

– Não me sinto absolutamente velha. Quando vejo pessoas que têm vinte ou trinta, sinto que posso fazer tudo o que elas podem. É claro, em algumas coisas sinto-me mais velha. Mas o tempo também pode dar algo importante. Era a mesma coisa com o sr. Gurdjieff. Ele estava velho, mas ninguém sentia uma falta de energia nele.

– A senhora viverá, provavelmente, mais vinte anos.

– Eu não sei. Não é importante quanto tempo uma pessoa vive, mas se ela desenvolve algo que pode dar significado para a vida. O que você quer na vida? Por que você está sobre a Terra?”

**Daisy:** É um assunto que estou levando muito a sério. Preciso conversar com os meus Gurus porque quero que eles me preparem nesse sentido. Quero aprender a morrer, pois acho que ainda não sei, e é importantíssimo: como se desprender do corpo assistindo a tudo, mas de uma forma gostosa, sem apego. Eu quero demais aprender isso. Levo muito a sério. Tem gente que diz: “quero essa morte linda de estar dormindo e nem perceber”. Eu não quero isso; quero me ver morrendo, mas de um jeito leve. Não quero me ver morrendo sofrendo, e não estou falando do sofrimento físico, mas desse sofrimento de não querer largar. Quero aprender a morrer de uma forma gostosa. Alguém me contou que aquela senhora que era uma gracinha, a Marcela, morreu fechando os olhos tranqüilamente... eu fiquei morrendo de inveja! Juro mesmo.

**SER: A Marcela é uma linda lembrança para todos nós.**

**Daisy:** Não tive convivência com ela, mas me inspirava, ela exalava alguma coisa que eu não tinha e que ainda não tenho.

**SER: Na verdade, cada vez que praticamos o recolhi-**

**mento estamos aprendendo a morrer, esse largar gostoso.**

**Daisy:** Não deixa de ser uma morte que a gente treina, não é mesmo? Mas será que é só isso? Afinal a gente sabe que parando o recolhimento estamos vivos...

**SER: Sua questão ecoa profundamente dentro de nós, porque sentimos que é urgente e fundamental aprender mais sobre a morte do corpo físico. É verdade que a prática do recolhimento é um treinamento. O dormir de todas as noites também é um treino que a natureza nos dá. Mas é importante que todos nós tenhamos essa ajuda, essa preparação. Não há nenhum ser humano, por mais adormecido e ignorante que seja, que não deseje essa morte tranqüila, essa entrega para Algo que é absolutamente protetor e acolhedor, que é o Divino.**

**SER: Se a Daisy estivesse sendo entrevistada pela própria Daisy, qual seria a pergunta que se faria?**

**Daisy:** Eu perguntaria para ela: você é honesta em tudo o que faz? Você é honesta consigo mesma? Com tudo o que a rodeia?



## ajuda na saúde.

**Daisy:** Nunca saí cansada. Como gosto de jogar, há ocasiões em que me deito às três, quatro horas da madrugada. Mas de manhã, no sábado, levanto-me com a maior disposição para fazer os Movimentos. E saio de lá como se tivesse tomado um bom banho. É gostoso, é bom.

**SER: A vida nos manda diariamente dificuldades a serem superadas. Como você tem lidado com elas?**

**Daisy:** Indiscutivelmente você não pode contrariar o que a vida te manda. É preciso ter aceitação. Os problemas chegam e você tem de lidar com isso. E lidar de cara boa, não ficar de mal com a vida. Aceitação é a única maneira, porque não é possível mudar a vida. E tentar resolver, contornar as dificuldades da melhor maneira possível, dentro de suas possibilidades, tanto interna como externamente.

**SER: Por que é tão difícil para a maioria das pessoas envelhecer? Existe diferença entre o homem e a mulher nesse processo?**

**Daisy:** Primeiro, acho que depende do tipo da pessoa. Segundo, acho que o trabalho interior faz total diferença. Nesse caso, o envelhecimento não é algo que te desgoste, te amargure.

**SER: É ser um eterno aprendiz, não é mesmo?**

**Daisy:** Existe tanta coisa nova que você ainda pode aprender e há coisas que os mais jovens nem conhecem ainda.

**SER: Mas quando você vê o mundo em volta, as pessoas que estão envelhecendo e que não têm uma busca interior, amigos de sua faixa etária, por exemplo, existe amargura neles?**

**Daisy:** Amargura, não. Aliás, fujo de gente pessimista. Existe, sim, muito disfarce, uma necessidade de mostrar o que não se é realmente. É engraçado, a maioria das minhas amigas que regulam comigo tem a preocupação de não ser o que é, ainda quer ser o

que era. Não assumem a idade, não assumem o seu momento.

**SER: E para o homem, é diferente?**

**Daisy:** Exatamente igual. Tenho amigos homens, meus parceirinhos. É engraçado, pois sou uma pessoa meio misteriosa para eles com essa história de Grupo. Eles fazem piadinhas, mas imponho um certo respeito... Acho que no fundo eles gostariam de ter uma chance de trabalhar sobre si mesmos mas não fazem nada para isso, acham que é coisa para jovens, que já passaram da idade. É uma pena.

**SER: Nós temos percebido que os homens com essa idade estão, de um modo geral, muito mais envelhecidos que as mulheres. Elas estão cheias de energia e eles quase sempre se arrastando.**

**Daisy:** É uma verdade. Os homens, quando se aposentam, acham que já gastaram todo esse potencial de energia, não procuram mais, não se pesquisam para descobrir que ainda podem fazer um monte de coisas lindas. Não se abrem mais para a vida. Com a mulher é diferente. Tenho uma companheira de busca, de 61 anos, que está trabalhando como corretora em uma empresa que não é o ideal, com gente de outro nível. E ela está dando de si para sobreviver, está lá lutando. Eu acho que homem não tem essa garra, essa energia. E ela está vencendo!

**SER: É como se para o feminino a energia sexual se mantivesse acesa e como se o masculino aposentasse essa energia, ou melhor, a energia sexual se aposentasse dele...**

**Daisy:** É verdade. Na minha idade, por exemplo, já não tenho a pretensão de arrumar um namorado, mas tenho essa energia dentro de mim, esse fogo. Também, se aparecer uma possibilidade... (risos)

**SER: Atenção, candidatos, temos aqui uma gata plena!**

**SER: Você se sente preparada para a morte do corpo físico? Como encara a realidade da morte?**

# ALEXANDRE E O SÁBIO

(Trecho extraído de *Le Livre Divin*, de Fariddudine Attar, Éditions Albin Michell)

Alexandre (Zul-Qarneine<sup>1</sup>) chegou, um dia, a um lugar onde gostaria de encontrar alguém

Que fosse capaz de ensinar-lhe a sabedoria; desejoso de se instruir, queria encontrar um mestre.

Deves seguir o caminho do conhecimento, mesmo que sejas imperador. Por meio do saber, podes tornar-te um Alexandre.

Disseram-lhe: “Aqui vive um homem inigualável em termos de fé.

Alguns o consideram louco; outros o qualificam como eminente e perfeito.

Reside na porta da cidade e é célebre por desejar a solidão”.

Alexandre mandou buscar esse homem, mas o mensageiro foi repellido.

Insistiu, porém, com o Sábio: “Levanta-te, o rei te convoca. Não fiques assim recalcitrante.

Atende seu pedido. Se te desagrada fazê-lo, lembra-te de que Alexandre é o soberano do mundo”.

O homem inigualável respondeu: “Não dependo desse soberano,

Pois sou o amo de quem teu rei é servidor. Não há entre nós nenhuma relação de submissão.

Teu rei é um servidor e não me convém ir à sua casa”.

O enviado voltou e transmitiu a mensagem, que encheu o rei de cólera.

Ele disse: “Ou esse homem é louco, ou a ignorância o induziu em erro.

Sou o servidor e amigo de Deus; portanto, quem ousaria chamar Deus de seu servidor?

Ninguém, seja rei ou simples súdito, terá a audácia de me qualificar de servidor”.

Depois, foi até o Sábio e o saudou. O outro respondeu da forma que sua posição exigia.

O rei perguntou: “Se és um homem sensato, por que me chamas de servidor de teu servidor?”

“Ó rei, respondeu o sábio, percorreste o mundo em todas as direções

Para descobrir a água da vida e te tornares imortal.

Isso, ó rei, chama-se desejo; foi ele que te lançou nas estradas como um servidor.

Reuniste cem exércitos para te tornares mestre dos sete continentes.

Isso, sabe-o, é nada menos que cupidez, e serves a esse mestre com humildade.

Subjugué a cupidez e o desejo; portanto, teu mestre é meu servidor.

Teu coração não se aviva senão pela cupidez e pelo desejo: és apenas servidor de meu servidor.

O desejo, após ter germinado em teu coração, quer nele se enraizar; é ele que te incita a procurar a água da vida.

A cupidez exige de ti a conquista do mundo e te incita a manter um grande exército.

Quem luta pela vida e pelos bens deste mundo não

obterá nada dos dois mundos.

Estremeces diante de tua vida e de teus bens, portanto não vales nada aos olhos deles.

Se desejas a imortalidade, precisas conquistar o universo da alma. Por que te ocupas desta vida terrestre e de teus bens?”

A essas palavras, Alexandre chorou lágrimas de sangue. Disse consigo mesmo: “Essa tristeza há de me matar;

Este homem não é louco; pelo contrário, não há ninguém mais sábio e mais sensato que ele.

Trouxe um imenso reconforto à minha alma: a vitória que conquistei, graças a ele, basta-me por esta viagem”.

Alexandre, que por temer a morte procurava a água da imortalidade, morreu jovem.

Mas, por que queres conhecer a história da muralha de Alexandre?

És tua própria muralha: transcende teu eu.

Tua existência ergue-se diante de ti como um muro; ficas sempre deste lado, fechado em ti mesmo.

És prisioneiro desses limites, como Gog e Magog. O jugo que trava teu pescoço é como Og<sup>2</sup>.

Se deixas cair diante de ti essa cortina, se te livras do árduo jugo de Og,

Tendo libertado teu pescoço, evitarás todos os sofrimentos.

Caso contrário, terás diante de ti milhares de véus, e nesses véus, uma alma morta.

Se desejas sair ileso do fogo, não mires a fornalha que é o mundo aqui de baixo.

À menor fraqueza, um véu se levantará diante de ti como uma montanha de fogo.

O essencial do caminho é passar através do fogo; por que pôr em dúvida a inocência de Siavouche<sup>3</sup>?

Se Deus não tivesse sido indulgente contigo, o cão da concupiscência não te teria dominado.

A indulgência leva o homem à perdição; sem ela, a retidão teria prevalecido sobre a falsidade.

Quando deves enfrentar tantos males, que benefício podes esperar da existência?

Tu te cercaste de uma multidão de inimigos; teme a morte, pois ela acabará por te pegar.

**NOTAS:**

1. Alexandre (Magno) é identificado aqui com o Zul-Qarneine do *Alcorão*. Para conhecer a história de Zul-Qarneine e da grande muralha que ele mandou construir para impedir que os povos bárbaros de Gog e Magog promovessem a destruição nos países vizinhos, consultar o *Alcorão*, XVIII, 82 e ss.  
2. Og (Oudje ibn Onoq), figura legendária de estatura gigantesca que se tornou um símbolo, foi, segundo a tradição, contemporâneo de Moisés. Como se opunha à passagem dos israelitas, Moisés lutou com ele e conseguiu matá-lo. Segundo a lenda, a estatura de Moisés era de 10 *gaz* (1 *gaz* = a largura de 6 mãos) e, além disso, possuía um bastão do mesmo comprimento; Moisés, segurando alto seu bastão, saltou a uma altura de 10 *gaz* e pôde, dessa forma, atingir, com a ponta do bastão, o tornozelo de Og.  
3. Segundo o *Châh-Nâmeh* de Ferdouci, Siavouche, filho do rei Kaikavous, foi injustamente acusado por sua sogra Soudabeh de ter atentado contra sua virtude; submetido à prova do fogo, saiu incólume, provando assim sua inocência.



**Daisy:** Nunca. Eu tinha as festas de fim de ano, o Grupo, meu namorado, meu trabalho, e dava conta de tudo. Elas ficavam interessadíssimas e depois eu contava tudo o que estava rolando. Sempre estiveram entrosadas em tudo o que acontecia em minha vida!

**SER: E sua relação com o masculino?**

**Daisy:** Quando comecei a fazer o Grupo, já estava separada do meu primeiro marido. Em relação ao segundo, sinto que ele não fez o Grupo exatamente por ciúme... é engraçado, ele tinha interesse pelas coisas que estavam acontecendo, mas sempre com uma *poker face*. Uma vez, lembro-me de ter comentado: a gente é comida pela Lua. (*risos*) Ele ficou pasmo e me perguntou onde eu tinha ouvido isso, e depois eu o surpreendi lendo o *Fragmentos*. Muitas vezes ele ia-me buscar na porta do Grupo e nunca me proibiu; também, seria um risco para ele! Mas sinto que ele tinha sensibilidade nesse sentido...

**SER: Olhando o trabalho interior como um caminho perene, houve momentos em que você se sentiu claramente avançando?**



**Daisy:** Nos momentos da prática na calma, ou seja, no recolhimento, sempre senti isso. Mas quando a gente sai desse estado, não se conforma em voltar para a vida. Dá vontade de ficar sempre nesse estado: tão limpo, tão claro, luminoso, fora de tudo isso que nos rodeia e que não nos satisfaz. Só sentia que avançava um pouquinho quando estava naquele estado maravilhoso, mas quando voltava, tinha a sensação de ter dado dois passos para a frente e um para trás. Não sei também como eu seria se não estivesse fazendo o Grupo... Sem o Grupo na minha vida, eu provavelmente seria uma “perua” preocupada com os meus cinemas, as minhas roupas, as minhas viagens... Tudo o que veio de material na minha vida foi muito bom, não estou criticando. Mas não estaria satisfeita, preenchida, como hoje me sinto. Porque, a bem dizer, já estou na reta de chegada, não há dúvida, não é? Ao mesmo tempo, tenho uma satisfação muito grande com tudo o que a vida me tem dado, é preciso reconhecer tudo o que a gente já recebeu. O fato de assistir às coisas que acontecem dentro de mim, acho que é uma coisa maravilhosa! Sinto-me privilegiada.

**SER: É o maior espetáculo da terra, não é mesmo?**

**Daisy:** Indiscutivelmente. E eu jamais chegaria a este ponto sem a ajuda que recebi. Nessa clareza de ver o que acontece na floresta aqui dentro, de estar no aqui, agora.

**SER: Não se esqueça de que nós temos exemplos maravilhosos em nossa própria linhagem esotérica. Madame de Salzmänn chegou aos 101 anos de idade, plena.**

**Daisy:** Pois é, mas ela era uma mulher especial, limpa, maravilhosa. Eu não tenho essa pretensão; acho que Madame de Salzmänn deve ter sido uma mulher disciplinadíssima, o que não é o meu caso. Indiscutivelmente, penso que poderia ter trabalhado mais. Estou feliz com o que consegui, mas acho que poderia ter ido mais à frente. Entretanto, jamais abandonaria o Grupo, é minha vida!

**SER: No “estado de presença” não importa quanto já fizemos ou deixamos de fazer. É um estado que**

# YOGA DO CONHECIMENTO

(Extraído do *Bhagavad-Gîtâ* – Canto VII)

## O Bem-aventurado

1. Se fixas em mim teu espírito, praticando a União mística atento a mim, escuta, filho de Prithâ, como, nesse momento, me conhecerás de forma completa e evidente.
2. Vou-te expor inteiramente, com todas as suas divisões, esta Ciência, além da qual, aqui embaixo, nada mais resta a aprender.
3. Dentre milhares de homens, apenas alguns se esforçam em direção à perfeição; e, entre esses excelentes sábios, apenas um me conhece em minha essência.
4. A terra, a água, o fogo, o vento, o ar, o espírito, a razão e o eu – tal é a minha natureza dividida em oito elementos:
5. Essa é minha natureza inferior. Conhece agora a outra, minha natureza superior, princípio de vida que sustenta o mundo.
6. É em seu seio que residem todos os seres vivos; compreende-o, pois a produção e a dissolução do Universo sou eu mesmo.
7. Acima de mim, não há nada; em mim está suspenso o Universo, como uma fileira de pérolas em um fio.
8. Sou, nas águas, o sabor, filho de Kunti; sou a luz na Lua e no Sol; o louvor<sup>1</sup> em todos os Vedas; o som no ar; a força masculina nos homens;
9. O perfume puro na terra; o esplendor no fogo; a vida em todos os seres; a continência entre os ascetas.
10. Sabe, filho de Prithâ, sou a semente inesgotável em todos os seres vivos; a ciência dos sábios, a coragem dos valentes;
11. A virtude dos fortes isentos de paixão e desejo: sou, entre os seres animados, o atrativo que a justiça permite.
12. Sou a fonte das propriedades que nascem da verdade, da paixão, e da obscuridade<sup>2</sup>; mas não estou nelas, elas é que estão em mim.
13. Perturbado pelas formas dessas três qualidades, o mundo inteiro não reconhece que sou superior a elas e indestrutível.
14. Essa magia que desenvolvo na forma das coisas é difícil de ser transposta; seguindo-me, escapa-se dela.
15. Mas não saberiam seguir-me nem os perversos, nem as almas transtornadas, nem os homens inferiores cuja inteligência é vítima das ilusões e dos sentidos e que possuem a natureza dos demônios.
16. Quatro classes de homens de bem me adoram, Arjuna: o aflito, o homem desejoso de saber, o que quer-se desenvolver, e o sábio.
17. Este último, sempre em contemplação, dedicado a um

culto único, sobrepuja todos os outros. Isso porque o sábio me ama acima de todas as coisas, e eu o amo do mesmo modo.

**18.** Todos esses servos são bons; mas o sábio sou eu mesmo, pois, na União mental, ele me segue como seu caminho último.

**19.** E, após vários renascimentos, o sábio vem a mim. “O Universo é Vasudeva”: aquele que assim fala não pode compreender a grande Alma do Universo.

**20.** Aqueles cuja inteligência é vítima dos desejos voltam-se para outras divindades; cada um deles segue seu culto, acorrentado que está por sua própria natureza.

**21.** Qualquer que seja a pessoa divina à qual um homem oferece seu culto, eu mantenho sua fé nesse deus;

**22.** Tomado por sua crença, esforça-se por servi-lo, e obtém dele os bens que deseja e dos quais sou o distribuidor.

**23.** Mas limitada é a recompensa desses homens pouco inteligentes: os que fazem sacrifício aos deuses, vão aos deuses; os que me adoram vêm a mim.

**24.** Os ignorantes crêem que sou visível, eu que sou invisível; isso porque não conhecem minha natureza superior, inalterável e suprema;

**25.** Pois não me manifesto para todos, envolto que estou na magia que a União espiritual dissipa. O mundo repleto de confusão não me conhece, eu que sou isento de nascimento e destruição.

**26.** Conheço os seres passados, presentes e os que serão: mas nenhum deles me conhece.

**27.** Pela agitação do espírito que gera os desejos e aversões, ó Bhârata, todos os viventes neste mundo são induzidos em erro.

**28.** Mas os que, pela pureza de suas obras, redimiram seus pecados, escapam à confusão do erro e me adoram com perseverança.

**29.** Os que se refugiam em mim e buscam a libertação da velhice e da morte conhecem Deus, a Alma Suprema e o Ato na sua plenitude;

**30.** E os que sabem que sou o Primeiro Vivente, a Divindade Primeira, e o Primeiro Sacrifício, esses, no próprio dia da partida, unidos a mim pelo pensamento, conhecem-me de novo.

**NOTAS:**

1. Outras traduções trazem: a sílaba sagrada *AUM* dos Vedas.

2. *Satva*, *Rajas* e *Tamas*: é o que se chama de *gunas* ou qualidades que, misturadas, formam os diferentes seres.

## QUESTÕES RESPONDIDAS POR SRI NISARGADATTA MAHARAJ



**Pergunta:** Apesar de tudo, tenho a impressão de não ser tão impotente como você diz. Sinto que posso conseguir tudo aquilo em que posso pensar, só não sei como fazê-lo. Não é o poder que me falta, mas o saber.

**Maharaj:** Concordo que é tão pernicioso ignorar os meios para consegui-lo quanto não ter o poder! Mas deixemos isso de lado no momento; afinal, as razões de nossa impotência não são tão importantes na medida em que percebemos claramente que *somos* impotentes. Tenho 74 anos. No entanto, sinto-me como uma criança. Sinto claramente que, apesar de todas as mudanças, sou uma criança. Meu guru me disse: “Essa criança que, ainda hoje, é você, é seu verdadeiro eu (*swarupa*)”. Volte a esse estado de puro ser em que o “eu sou” ainda está em seu estado de pureza, antes de ser contaminado pelo “eu sou isto” ou “eu sou aquilo”. O empecilho são as falsas auto-identificações. Abandone-as todas. Meu guru me disse: “Confie em mim, estou-lhe dizendo, você é divino. Tome isso como verdade absoluta. Sua alegria é divina, seu sofrimento é divino. Tudo vem de Deus. Lembre-se sempre disso: você é Deus, apenas sua vontade é criada”. Acreditei nele e muito rapidamente me dei conta de quanto suas palavras eram verdadeiras e exatas. Não condicionei meu mental pensando: “Eu sou Deus, sou maravilhoso, estou acima”. Simplesmente segui suas instruções que consistiam em concentrar o mental no ser puro, no “eu sou”, e ficar nele. Ficava sentado horas inteiras, sem nada no mental a não ser o “eu sou”, e logo a paz, a alegria, o amor profundo que abraçava tudo tornaram-se meu estado normal. Nele, tudo desapareceu: eu, meu guru,

a vida que eu levava, o mundo que me cercava. Restaram apenas a paz e o silêncio insondável.

**P:** Parece muito simples e fácil, mas não é bem assim. Às vezes, nasce em mim esse maravilhoso estado de alegria, e eu olho para ele e me espanto de que tenha aparecido tão facilmente e o quanto me parece próximo e totalmente meu. Onde está a necessidade de lutar tanto por um estado tão próximo? Desta vez, com certeza, ele veio para ficar. E, no entanto, quão rapidamente tudo se dissolve e me deixa questionando se foi uma primeira impressão da realidade ou um novo erro de julgamento! Se se tratava da realidade, por que ela se foi? Talvez eu tenha de passar por uma experiência única para me manter nesse novo estado e, até que eu passe por essa experiência crucial, o jogo de esconde-esconde tem de continuar.

**M:** Essa espera por um acontecimento único, dramático, por uma explosão extraordinária, só serve para impedir e retardar a sua realização. Você não precisa esperar nenhuma explosão, ela já se produziu no momento do seu nascimento, quando você se tornou real enquanto ser que existe, conhece e sente. Você só comete um erro: toma o interior pelo exterior, e vice-versa. Você acredita que o que está em você lhe é exterior, e o que é exterior está em você. O mental e as sensações são externos e você acredita que são interiormente seus. Você crê no mundo objetivo, embora ele seja apenas uma projeção da sua psique. Aí está a confusão fundamental, e não será uma nova explosão que vai curá-lo dela. Você tem de se imaginar de fora. Não há outro caminho.

**P:** Como posso me imaginar de fora se meus pensamentos vão e vêm conforme sua vontade? Esse falar incessante me distrai e esgota.

**M:** Olhe seus pensamentos como se olhasse o trânsito na rua. As pessoas vão e vêm; você registra, mas não reage. No começo não é fácil, mas com a prática você perceberá que seu mental pode funcionar em diversos planos de uma só vez, e que você pode estar consciente de tudo. É só quando você coloca um interesse particular num plano preciso que sua atenção se deixa prender por ele e os outros planos ficam obscurecidos. Ainda assim, esses outros planos continuam a funcionar, mesmo fora do campo da consciência. Não lute contra suas lembranças e pensamentos. Tente apenas incluir em seu campo de atenção as outras

**SER:** Quem dos nossos companheiros mais antigos já estava naquela ocasião?

**Daisy:** Acho que já estavam o Carlos, o Antônio Mauro, o Luiz Arnaldo, o José Rodolfo, o Isaac, a Maria Inês e a Estela, que ia junto comigo. Enfim, tinha bastante gente, inclusive pessoas que eu chamo de flutuantes. É engraçado esse pessoal que passa e vai embora, parece que eles são buscadores da vida, uma hora estão num lugar, outra hora em outro. Já eu fiquei e nunca procurei fazer nada diferente, sempre me satisfiz. Uns tempos atrás me convidaram para ouvir uma palestra do pessoal do Osho, mas eu senti tudo superficial. O que faço aqui é exatamente o meu caminho.

**SER:** Que lugar o trabalho interior ocupou na sua vida até hoje?

**Daisy:** Engraçado, eu era insatisfeita comigo mesma. Aliás, não posso dizer que hoje eu seja totalmente satisfeita, porque não sou, mas não sei dizer como eu seria sem o meu trabalho interior, porque a metade da minha vida venho fazendo isso. Passei a me ver, aprendi (isso eu acho muito importante) a me ver de fora para dentro, a ver dentro de mim, o que é uma coisa incrível. Porque a gente se olha no espelho mas não se vê por dentro... Você tem de ter um caminho, precisa ter alguém te orientando sobre isso, indiscutivelmente, porque sozinha, “embanana”. Isso foi muito importante, os irmãos Raful me ensinaram a ver. Nunca tive uma satisfação total com o meu caminho, porque eu poderia produzir muito mais. Sinto uma espécie de desgosto comigo, por não levar a sério este Trabalho, que é maravilhoso, porque eu poderia fazer mais do que realmente faço. Por outro lado, tenho uma satisfação muito grande: nunca fiz pressão sobre minhas filhas e netos, com relação a vir para o Grupo. Se eles estão aqui, se são tão interessados, deve ser por causa da influência do Trabalho. Minhas filhas fazem parte e meus netos, que moram fora, sempre que estão em São Paulo vêm visitar o Grupo para buscar um pouco desse alimento. Talvez seja fruto do meu trabalho, da minha presença... quem sabe?

**SER:** De sua qualidade.

**Daisy:** Eu não acho que tenha a qualidade que deveria, não tenho essa satisfação! Sinceramente... acho que precisaria viver de novo.

**SER (Carmem):** Eu me lembro de que quando a conheci, há uns 30 anos, me impressionou muito sua capacidade de trabalho na vida, você era uma batalhadora. Naquela época, vivia sozinha com três filhas e dava um duro danado, fazia um monte de coisas. Fale um pouco desse período.

**Daisy:** Nunca tive pena de mim. Sempre levei a vida muito na esportiva. Quando me separei, fiquei com minhas três filhas. Meu primeiro marido era um “filhinho de papai” que também não gostava muito de trabalhar e precisei me sustentar. Minha filha mais nova tinha quatro anos quando me separei. Mas acontece que todos os trabalhos que me propus a fazer sempre deram certo. É engraçado... acho que não existia esse lado de ficar com pena. Ah... como estou trabalhando, como é duro...! Eu ia em frente, ia à luta e pronto.

**SER:** Que profissões você exerceu na época?

**Daisy:** Fui instrumentadora de um cirurgião, trabalhei em jornal, vendi tapeçaria, títulos, fui corretora, Nossa Senhora, eu fui tanta coisa!... E deu pra me sustentar, dei um bom padrão de vida para minhas filhas. Quando elas ficaram maiores, é engraçado, começaram logo a trabalhar. A mais velha foi ser recepcionista em uma empresa. A do meio foi ser pesquisadora na Rua 25 de Março e voltava para casa radiante com as pesquisas que tinha feito. A mais nova, embora muito paparicada, também foi trabalhar. Então chegou um momento em que começamos a juntar nossas forças. Minhas três filhas são umas guerreiras, umas batalhadoras. Acredito que passei para elas o espírito de trabalhar sem sofrimento.

**SER:** Sua família chegou a ficar enciumada com o tempo que você dedicava ao Grupo, especialmente nos jantares de final de ano?

# Daisy Margarido

entrevista



**SER: Quando e como você chegou ao Grupo Gurdjieff pela primeira vez, qual a sua idade na época? Seu histórico de menina estudante em colégio de freiras teve alguma influência na escuta do chamado para o mundo interior?**

**Daisy:** Faz 32 anos. Eu tinha perto de 44 anos quando comecei a frequentar o Grupo. Foi uma coincidência e uma curiosidade, porque eu estava fazendo um curso que não tinha nada a ver com busca interior e encontrei, nesse lugar, em cima de uma mesa, o livro *Fragmentos*. Comecei a folheá-lo e achei interessantíssimo; respondia ao que eu estava procurando, pois nunca fiquei satisfeita com o que aprendi no colégio de freiras: foi uma decepção, um desencanto, e tinha vontade de encontrar algo que tivesse uma correspondência dentro de mim. O dono do livro disse: vá lá na Rua Estados Unidos e encontrará a resposta, porque não sei explicar o que é... daí fui com uma amiga e desde então nunca parei.

**SER: O local não era o atual, aqui na Rua Augusta? Conte melhor pra gente como eram aqueles tempos pioneiros.**

**Daisy:** Era uma sala, em uma casinha... e presumo que o Paulo, o Lauro e o restante do pessoal que estava com eles alugavam. Se não me engano, era um estúdio de fotografia que, provavelmente, não funcionava à noite. A gente entrava, sentava em uns banquinhos com eles na frente respondendo e, naquela época, eram umas seis pessoas que respondiam. E me fascinou, porque era tão variado e tão interessante que encontrou um eco dentro de mim e nunca mais parei. Estou lá há 32 anos.

questões, mais importantes, como: “Quem sou eu? Como se produziu o fato de eu ter nascido? De onde vem este universo que me cerca? O que é real? O que é transitório?” Nenhuma lembrança permanecerá se você não grudar nela o seu interesse; é o apego emocional que perpetua a escravidão. Você está sempre em busca do prazer, por querer evitar o sofrimento, sempre à procura da paz e da felicidade, e não percebe que é a própria busca da felicidade que o torna infeliz. Tente outro caminho: indiferente ao sofrimento e ao prazer, não pedindo nada, não recusando nada, dando total atenção ao plano em que o “eu sou” está permanentemente presente. Logo você compreenderá que a paz e a felicidade são inerentes à sua natureza, e que as perturbações acontecem pelo fato de você buscá-las através de certas experiências. Evite as perturbações, isso é tudo. É inútil essa busca; você não pode buscar aquilo que já tem. Você é Deus, Realidade Suprema. Para começar, confie em mim, confie em seu mestre. Isso lhe permitirá dar o primeiro passo: depois, sua confiança encontrará justificativa em sua própria experiência. Na vida, a confiança no momento de partir é essencial a todo movimento. Sem ela, faz-se muito pouco. Todo empreendimento é um ato de confiança. Até mesmo comer nosso pão cotidiano é um ato de confiança. Lembrando-se de tudo o que eu disse, você terá êxito em tudo. Repito novamente: você é a realidade onipresente que tudo transcende. Guie-se por isso: pense, sinta, aja em harmonia com o todo e muito rapidamente a experiência real do que lhe disse se tornará clara para você. Não há necessidade de nenhum esforço. Tenha fé, apóie-se nela. Eu lhe peço, compreenda que não quero nada de você. Falo para o seu próprio bem. Pelo fato de se amar acima de tudo, você quer para si segurança e felicidade. Não se envergonhe, não negue isso. É bom e natural que você se ame, mas é necessário que saiba exatamente o que você ama. Não é o corpo, é a vida que você ama: perceber, sentir, pensar, agir, amar, lutar; essa vida que é tudo. Realize-a em sua totalidade, além de toda divisão e de toda limitação, e todos os seus desejos se fundirão nela, porque o maior contém o menor. Encontre-se, pois se encontrando você encontrará tudo. Todo mundo é feliz pelo fato de existir, mas poucos conhecem a plenitude. Você conseguirá conhecê-la ficando no mental, no “eu sou, eu sei, eu amo” com a vontade de penetrar no sentido profundo dessas palavras.

**P: Posso pensar: “Eu sou Deus”?**

**M:** Não se identifique com uma idéia. Se por Deus você entende o Desconhecido, diga simplesmente: “Não sei o que sou”. Se você conhece Deus, conhece seu Eu e não tem necessidade de afirmar isso. É preferível ter a sensação do “eu sou”. Fique nela pacientemente. Nesse caso, paciência é sinônimo de sabedoria; não leve o revés em consideração. Nesse empreendimento não pode haver revés.

**P: Meus pensamentos não me permitem.**

**M:** Não ligue. Não os combata. Simplesmente não faça nada no que diz respeito a eles. Deixe-os existir, não importa quais sejam. Combatê-los dá-lhes vida. Contente-se em negligenciá-los, olhe-os de esguelha. Não se esqueça de recordar que: “tudo o que me acontece, acontece porque eu sou”. Tudo vai lembrá-lo de que você é. Aproveite em toda a sua profundidade o fato de que, para experimentar, você tem de Ser. Você não precisa parar de pensar. Apenas se desinteresse dos pensamentos. É o desinteresse que libera. Não se fixe neles, só isso. O mundo é feito de elos, todos os ganchos lhe pertencem. Ligue-os e nada poderá retê-lo. Renuncie a seus apegos. Não há nada mais a que renunciar. Abandone sua tendência habitual de conseguir, seu hábito de esperar resultados, e toda a liberdade do universo estará a seu alcance. Renuncie ao esforço.

**P: A vida é esforço. Há tanta coisa para fazer...**

**M:** Faça o que tiver de ser feito. Não resista. Seu equilíbrio deve ser dinâmico e baseado, o tempo todo, na ação justa. Não seja uma criança que se recusa a crescer. Gestos e atitudes estereotipadas não vão ajudá-lo a crescer. Apóie-se exclusivamente na clareza de seus pensamentos, na pureza de suas emoções e na integridade de seus atos. Não há possibilidade de se enganar. Toda essa história de uma criança que não teve amor, de uma mãe pouco carinhosa, só existe no mental. Vá além, deixe tudo isso para trás.

**P: É possível largar realmente tudo?**

**M:** Você gostaria de que tudo fosse um êxtase perpétuo. Os êxtases vêm e depois se vão por necessidade, pois o ser humano não pode suportar essa tensão por muito tempo. Um êxtase prolongado consumiria seu cérebro, a menos que fosse extremamente puro e sutil. Na natureza, nada perdura, tudo nela é pulsação, tudo aparece e desaparece. O coração, a respiração, a digestão, o sono e a vigília, o nascimento e a morte, tudo isso vai e vem como ondas. O ritmo, a periodicidade, a alternância harmônica dos extremos é a regra. É inútil rebelar-se contra a vida como ela é. Se você busca o Imutável, vá além da experiência. Quando digo: “Lembre-se do ‘eu sou’ o tempo todo”, quero dizer: “Volte constantemente a isso”. Nenhum pensamento em particular pode ser o estado natural do mental, apenas o silêncio. Não a idéia do silêncio, mas o silêncio em si. Quando o mental se encontra em seu estado natural, ele volta espontaneamente ao silêncio após cada experiência, ou, para ser mais preciso, cada experiência se produz sobre o pano de fundo do silêncio.

O que você aprendeu aqui é a semente. Aparentemente, você pode esquecê-la, mas ela viverá e, na estação propícia, irá germinar e crescer. Dará flores e frutos. Não há nada a fazer, apenas não impedir que isso aconteça.

## WANG JI WU E A LINHAGEM DE SEU XING YI QUAN

por Dan Miller

Wang Ji Wu, também conhecido como Wang Zhong Gao, nasceu na Província de Shanxi, no município de Yu Ci, na aldeia Dong Shan, em 1891. Seu avô era um renomado médico chinês, considerado incorruptível. O pai de Wang também era um homem caridoso e atuava, com entusiasmo, em benefício da comunidade. Quando jovem, Wang Ji Wu estudava na escola da aldeia e era um estudante bem dotado. Amante das artes marciais, aprendeu tudo o que pôde com os que as praticavam em sua aldeia. Durante o dia estudava e, à noite, era o vigia de uma plantação de cabaça, o que lhe permitia praticar artes marciais enquanto trabalhava. Durante o período em que foi estudante, Wang tornou-se um especialista em artes marciais (entre outras o *qi gong*) e em Medicina Chinesa (inclusive osteopatia). Devido ao amplo conhecimento de artes marciais e médicas, seu nível de realização em ambas foi muito grande. Levou uma vida estável, colocando a justiça acima dos ganhos materiais, e sentia prazer em ajudar os outros. Por causa disso, foi muito respeitado e admirado por amigos e familiares.

### A linhagem Xing Yi de Wang Ji Wu

Aos 16 anos de idade, Wang Ji Wu mudou-se para a cidade de Tai Yuan, na Província de Shanxi, para iniciar-se no comércio. Foi aí que, aos dezoito anos, foi apresentado a Wang Fu Yuan, o melhor aluno de Liu Qi Lan, famoso professor de Xing Yi Quan.

O Xing Yi Quan foi criado no final da dinastia Ming por Ji Long Fen (também conhecido por Ji Ji Ke), da Província de Shanxi. Durante várias gerações, essa arte espalhou-se pelas províncias de Shanxi, Hebei e Henan, e depois, para o resto do mundo.

### Com suas próprias palavras, aos 100 anos de idade, Wang Ji Wu descreve seus preceitos para se levar uma vida saudável:

#### O coração fica calmo, tranqüilo como água parada.

Minha história pessoal tem início no final da Dinastia Qing, há cem anos, passando pelo período da República até a República Popular. Minha vida tem tido altos e baixos, períodos de pobreza e privação, de honra e desonra, de mudanças de estações, e tudo isso deixou marcas profundas em mim. Depois da instalação da República Popular, minha vida tornou-se estável, mas, com o advento da Revolução Cultural, o infortúnio alastrou-se mais uma vez pelo país e fui forçado a deixar o comércio. Todos esses acontecimentos serviram de meios para cultivar meu espírito, e me deram a oportunidade de praticar o *gong fu* de viver neste mundo.

Deve-se manter a calma no coração mesmo quando se está sob a influência das sete emoções: alegria, raiva, satisfação, preocupação, tristeza, medo e espanto. O coração deve permanecer calmo como água parada, sem nunca permitir que qualquer desejo pessoal provoque uma ondulação de inquietação. Meus pensamentos são claros, na minha profundidade procuro esquecer o meu “eu” e transcender os afazeres habituais do mundo, levando uma vida simples e com poucos desejos. Com um coração límpido, não discuto com os outros nem faço exigências ao mundo; pelo contrário, procuro contribuir como posso para o benefício de todos, ajudando os que precisam e protegendo os que estão em perigo.

### O Lago

(Poema extraído da obra *Méditations Poétiques*, de Alphonse de Lamartine)

Assim, sempre impelidos para novas margens,  
Arrastados para a noite eterna, sem retorno,  
Não poderemos jamais, no oceano dos tempos,  
Lançar âncora por um só dia?

Ó lago! O ano mal terminou o seu curso  
E perto das águas diletas que ela devia rever,  
Vê! Venho sozinho sentar-me sobre esta pedra  
Onde tu a viste sentar-se!

Recessoavas igualmente sob estes penhascos profundos,  
Igualmente te quebravas contra seus flancos fendidos,  
E o vento lançava a espuma de tuas ondas  
Sobre seus pés queridos.

Uma noite, tu te lembras? Vagávamos em silêncio;  
Ouvíamos ao longe, sobre a onda e sob os céus,  
Apenas o ruído dos remadores que, em cadência,  
agitavam  
Tuas águas harmoniosas.

De repente, entonações desconhecidas na terra  
Tocaram os ecos da margem encantada:  
A água ficou atenta, e a voz que me é cara  
Deixou rolar estas palavras:

“Ó tempo! Suspende teu vôo, e vós, horas propícias!  
Suspendei vosso curso:  
Deixai-nos saborear as rápidas delícias  
Dos mais belos de nossos dias!

Aqui embaixo, muitos infelizes vos imploram,  
Correi, correi para eles;  
Tomai, junto com seus dias, as inquietações que os devoram,  
Esquecei os afortunados.

Mas peço em vão mais alguns momentos ainda,  
O tempo me escapa e foge;  
Digo a esta noite: passa mais lentamente; e a aurora  
Vem dissipar a noite.

Amemos, pois, amemos! Da hora fugaz,  
Apresemos-nos, desfrutemos!  
Não há porto para o homem, não há margem para o tempo;  
Ele corre, e nós passamos!”

Tempo ciumento, é possível que os momentos de embriaguez,  
Em que o amor, em grande abundância, faz derramar a felicidade,  
Voem para longe de nós com a mesma rapidez  
Que os dias de infelicidade?

Como?! Não poderemos deles fixar nem o menor vestígio?  
Como?! Passaram-se para sempre! Como?! Perderam-se completamente!  
O tempo que os traz, o tempo que os apaga  
Não os devolverá jamais!

Eternidade, nada, passado, abismos sombrios,  
Que fazeis dos dias que devorais?  
Dizei: devolvereis estes êxtases sublimes  
Que nos arrebatais?

Ó lago! Rochedos mudos! Grutas! Floresta obscura!  
Vós, que o tempo poupa ou pode renovar,  
Guardai desta noite, guardai, bela natureza,  
Ao menos a lembrança!

Seja em teu repouso, seja em tuas tormentas,  
Belo lago, e no aspecto de tuas graciosas encostas,  
E nestes negros pinheiros, e nestas rochas selvagens  
Que pendem sobre tuas águas.

Seja no zefir que freme e que passa,  
Nos ruídos de tuas águas por tuas bordas refletidas,  
No astro de frente prateada que alveja tua superfície  
Com suas claridades indolentes.

Que o vento que geme, o caníço que suspira,  
Que os leves perfumes de teu ar embalsamado,  
Que tudo que se ouve, que se vê ou se respira,  
Tudo diga: Eles amaram!

SER SER SER

## Soneto de amor ao Ser

Maria Aparecida  
Ramos De Stefano

Mergulho, com toda coragem,  
Em fragoroso desejo.  
A dor comprime, queima e pulsa,  
Transformando todo meu peito.

A posse, nas mãos, cerrada,  
Duras garras vão se abrindo,  
Nas palmas, aliviada,  
Um palpitar, vou sentindo.

No centro desse universo,  
Uma espada flamejante  
Queima ontológica saudade.

E num fremir de vida,  
Meu corpo, não mais aflito,  
Vive o gozo do Infinito.

POESIA

## Poemas Zen

por Ryokwan, monge Zen pertencente à escola Soto  
(D. T. Suzuki. *Zen and the Japanese Culture*, Routledge and Kegan Paul, Londres)

### Poema nº 1

O passado já é passado,  
O futuro ainda não chegou,  
O presente jamais permanece;  
Tudo está em constante mutação, sem depender de qualquer coisa;  
Tantos nomes e palavras que se criam de forma inconsistente –  
Qual a razão para consumir todo o tempo de sua vida de modo tão inútil?  
Não conserve seus conceitos ultrapassados,  
Nem adote idéias da última moda;  
Com sinceridade e dedicação, faça indagações e também reflita em seu íntimo;  
Indague e reflita, reflita e indague,  
Até o momento em que nenhuma outra questão seja possível –  
Pois é esse o instante em que você compreenderá que todo o seu passado foi um equívoco.

### Poema nº 2

Qual a razão de minha vida?  
Para onde irá?  
Sentado sozinho em minha cabana,  
Medito tranqüilamente, mas com devoção;  
Com todo o meu pensar, não sei qual a razão,  
Nem alcanço para onde irá.  
Assim também é meu presente,  
Perpétua mutação – em completo Vazio!  
Nesse Vazio fica o Ego por um tempo,  
Com suas Afirmações e Negações;  
Não sei bem onde colocá-las;  
Sigo meu Karma em perfeito contentamento,  
conforme ele vai passando.

Mestre Takano meditando em seu *dojo*.  
(foto do fundo de Anne-Marie e Michel Random)

Sem desejos, tornamo-nos fortes; sem desejos, permanecemos tranqüilos; sem desejos, podemos voltar ao que é natural; sem desejos, retornamos ao estado original. Quando o coração se mantém como água parada, da extrema imobilidade nasce a ação; do vazio, surge o que está vivo; *yin* e *yang* estão em harmonia e o *qi* flui desimpedido. Quando o coração permanece como água parada, o *qi* é suficiente e o espírito fica pleno, os órgãos funcionam normalmente, o sangue é alimentado, os meridianos, os nervos, a digestão e a circulação funcionam de maneira saudável e o metabolismo é estimulado. Quando os fatores que previnem o envelhecimento estão fortalecidos, podemos prevenir as doenças e viver uma vida longa e saudável.

Os seres humanos são seres holísticos possuidores de uma certa vitalidade. O espírito e a carne são inseparáveis e formam uma entidade complexa. A vitalidade humana sustenta e influencia a pessoa como um todo, sendo sensível a ela, enquanto o espírito lidera e controla, é o “comandante-chefe” do ser como um todo. Em certas circunstâncias, pode-se dizer que o espírito “puxa pelo cabelo e o corpo todo o segue” ou que, à sua mais leve agitação, o ser responde como um todo, e cada movimento dele tem um efeito real sobre o indivíduo. Por isso, coloco uma ênfase especial no espírito como sendo o líder, fortalecendo sempre minha decisão de cultivá-lo, de manter a calma no coração e tornar-me tão puro quanto a luz isenta de qual-



fotos de Dan Miller e Tim Cartmell

quer resquício de poeira. Isso é o mesmo que está explícito nas palavras de um poeta da dinastia Song, “compreender a mais alta virtude”, mas aplicado aos tempos atuais. Podemos dizer que o cultivo do espírito e do coração vai melhorar a constituição física da pessoa, proteger-lhe a saúde e contribuir para que tenha uma vida longa e saudável.

### Viver uma vida com entusiasmo serve ao bem público.

Tenho percorrido a longa estrada da vida, passado pela miséria, por dificuldades, e sei que o sentimento do homem é, com freqüência, fino como papel. Tenho visto a corrupção e aqueles cuja única preocupação é realizar os próprios desejos. Por causa disso, tenho-me esforçado cada vez mais por levar uma vida prática, estando disposto a sacrificar ainda mais pelo bem dos outros. Após a fundação da República, trabalhei nas ruas como médico, tratando de todos os que vieram a mim pedindo ajuda com sincero interesse. Quando encontramos satisfação em servir aos outros, ficamos plenos do espírito de vida e vemos as coisas como são, tendo a calma no coração. Assim, podemos atingir um estado em que o espírito é interiormente preservado, o corpo é saudável e o espírito pleno, o intelecto sábio, as decisões são tomadas com habilidade e as reações são espontâneas. Assim, a energia vital é fortalecida e multiplicada, favorecendo a saúde e a longevidade do corpo.

# MULÁ NASRUDDIN

## A utilidade da lâmpada

- Eu consigo ver na escuridão, gabava-se Nasruddin na casa de chá.
- Então, por que algumas noites o senhor carrega uma lâmpada?
- É só para os outros não tropeçarem em mim.

## Nasruddin e os beduínos

- Certa vez, no deserto, dizia Nasruddin na casa de chá, pus para correr toda uma tribo de terríveis beduínos sanguinários.
- Como fez isso?
- Muito fácil: eu corri, e eles correram atrás de mim.

## O sabor e a quantidade

Quando levava um cesto cheio de uvas para o mercado, Nasruddin foi cercado por várias crianças, que lhe pediam com insistência para comê-las; ele deu só um pouquinho para cada uma.

- Nasruddin, você é um pão-duro! gritaram elas.
- Não sou, não, replicou o Mulá. Isto é para demonstrar a tolice das crianças. Ao provar algumas uvas, você já sabe como são as outras, pois todas têm o mesmo gosto.

## Perguntas e respostas

- Mulá, por que você sempre responde a uma pergunta com outra?
- Faço isso?

## Na fronteira

Freqüentemente, Nasruddin atravessava a fronteira entre a Pérsia e a Grécia. Ia montado em seu asno, que carregava dois cestos cheios de palha e, depois, voltava a pé.

Os guardas da fronteira sempre o revistavam, sem nunca encontrar contrabando.

- Nasruddin, o que você carrega?
- Sou contrabandista.

Alguns anos depois, Nasruddin mudou-se para o Egito, levando uma vida mais próspera. Lá, encontrou um daqueles guardas.

- Mulá, agora que você está fora da minha alçada e levando uma boa vida, diga-me: o que você contrabandeava, que nós nunca descobrimos?
- Asnos.



este é o sentido da expressão *tricerebral* – que se manifestam nele em forças mentais, emocionais e físicas. Quando estas forças estão em harmonia, ele se torna capaz de sintetizar as substâncias cósmicas superiores. Ou seja, ele produz compaixão, silêncio, paz e uma série de atributos que pertencem ao lado vertical da cruz. Essas substâncias superiores fazem parte do que Belzebuth chama de “Grande Processo Cósmico”. A pessoa conecta-se com os planos superiores, com as inteligências superiores do cosmo e pode ser ajudada por elas. Quando se diz que a oração de alguém alcançou os céus, isso indica que, através da oração, a pessoa se purificou e passou a emanar uma pureza tal que lhe permitiu a conexão com os níveis mais altos.

E o mais importante é que Belzebuth coloca que somente as substâncias superiores que participam desse plano vertical podem-se cristalizar no ser e permitir o nascimento em nós da “Grandeza Sagrada”. As substâncias do plano da vida comum não nos pertencem. Se a pessoa não fizer um esforço espiritual, se ela se entregar ao comércio da vida, orgulhosa de sua astúcia, dela nada levará. Acreditando que escreve livros, constrói prédios, faz guerras, cria filhos, é apenas instrumento mecânico da natureza, por onde passa todo o fluir da vida para alimentar o processo cósmico dos planetas.

Assim, podemos arriscar dizer que nosso dever sagrado é sair da mecanicidade da vida para nos conectarmos aos planos superiores do cosmos, é tornarmos-nos ponte entre Céu e Terra. Em sentido religioso, é tornar-se santo, bondoso e justo. Na linguagem gurdjieffiana, é realizar o trabalho interior, que é um veículo na vida e ao mesmo tempo no cosmo.

Como vivenciar o trabalho interior no cotidiano? Por exemplo, estou no meu emprego em um dia quente e tenso e alguém comenta algo que me causa profunda irritação. Nesse momento, a raiva quer invadir-me, sinto sua influência querendo comandar-me. Se só possuo vibrações dentro do âmbito da vida, naturalmente sucumbirei à cólera de algum jeito, pois não se pode ficar sem estar sob uma influência. Mas se no meu ser houver uma vibração de espécie superior, como a sensação viva do corpo ou um sentimento de paz, posso optar por uma influência mais elevada. Posso ancorar-me nela e o processo que se seguir será benéfico,

quer eu seja duro ou diplomático, pois o fluxo vital não se consumirá em associações inúteis, mas será usado para elevar o grau de consciência. Desse modo, beneficiarei o plano horizontal da vida, pois meu trabalho profissional se desenvolverá melhor. E ao transmutar o potencial de raiva em substâncias de força e sabedoria, beneficiarei o cosmo ao emaná-las e coletarei gotas delas para o meu ser.

Podemos abordar esse assunto por outro ângulo, partindo deste trecho de Thomas de Hartmann: “*O Trabalho ajudará, por assim dizer, o Crescimento do Reino dos Céus em nós mesmos, o desenvolvimento em nós da parcela divina, que distingue o homem do animal*”. Ou seja, se considerarmos o asno como símbolo de nossa parte animal, isto é, as forças emocionais e físicas – donde a expressão *bicerebral* –, temos de sair do domínio delas, despertando o nosso pensar, de modo a usá-las como instrumento de nosso desenvolvimento espiritual.

Aliás, há, no trecho citado de Belzebuth, um tom dos Evangelhos, e poderíamos até ousar uma interpretação da parábola dos talentos (Mateus 25, 14-30) por meio dele. Aquele que guardou seu talento enterrado na terra deixou o próprio potencial adormecido sob as forças da vida. Ele lhe será tirado e a pessoa, lançada nas “trevas exteriores”. Mas ao que usou seus talentos e produziu frutos, mais lhe será dado e, por ter sido fiel nas coisas pequenas, será convidado a participar na “gerência das grandes”. Assim, por meio do trabalho interior, multiplicamos o potencial de vida em nós, trazendo benesses para o nosso cotidiano, e desenvolvemos

em nosso ser a “Grandeza Sagrada”, de modo a poder auxiliar o Criador na administração do cosmo, que é a grande esperança depositada em nós.

Tentaremos no próximo artigo ver o que seria essa “*Grandeza Sagrada por excelência, para cujo advento o próprio Universo inteiro foi criado*”.

No quadro acima, *São João Batista*, 1509-12, Paris, Louvre, de Leonardo da Vinci, a pele de camelo simboliza a natureza terrestre que nos reveste. O dedo apontado para cima indica que temos de estar voltados para Deus e o dedo no meio do peito, a “esperança” que deve florescer em cada um.



# O DEVER SAGRADO DO SER

1ª parte

Luiz Domingues

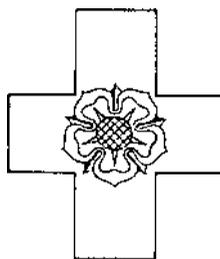
artigo

“Um exemplo muito bom para esclarecer isto é seu asno amarrado ao seu estábulo. Mesmo com relação ao seu asno, você abusa das possibilidades que Nosso Criador Comum lhe deu, pois se esse asno se encontra hoje forçosamente no seu estábulo, é somente porque foi criado bicerebral; e foi criado bicerebral porque essa organização de sua presença geral é indispensável à existência cósmica sobre os planetas.

“E, portanto, de acordo com a lei, é ausente na presença do seu asno a possibilidade do ‘pensar lógico’, e conseqüentemente, ele deve ser, como você o chama, um ser ‘insensato’ e ‘estúpido’.

“Quanto a você, foi criado não somente para servir a essa mesma existência cósmica nos planetas, mas também como ‘campo de esperança’ para as futuras expectativas do Nosso Criador Comum Todo Misericordioso; isto é, você foi criado com a possibilidade de revestir em sua presença a ‘Grandeza Sagrada’ por excelência, para cujo advento o próprio Universo inteiro foi criado. Mas, apesar das possibilidades que lhe foram conferidas – as de um ser tricerebral e por isso mesmo capaz de um pensar lógico –, você não usa essa propriedade sagrada para o propósito para o qual ela foi criada, mas a manifesta ‘astuciosamente’ sobre as outras criaturas, como, por exemplo, sobre o seu asno.”

(extraído do capítulo 19 de *Relatos de Belzebuth a seu Neto*, de G.I.Gurdjieff)



O símbolo Rosa-cruz (extraído do livro *As Duas Naturezas do Homem*, de Mathetês Gurco)

Neste trecho, podemos perceber o lamento de Belzebuth que percorre todo o livro: o ser humano vive astuciosamente ocupado em perseguir os próprios interesses no dia-a-dia, deixando de realizar a “esperança” nele depositada pelo Criador. Sutilmente, Belzebuth questiona-nos sobre o motivo de nossa existência na Terra. Seria ela dada gratuitamente ou deveríamos dar alguma retribuição? Se fizermos uma analogia, veremos que tudo o que é dado tem de ser retribuído de alguma forma, seja em um negócio, uma amizade, etc. Temos o dever de retribuir; se não o fizermos, de algum modo seremos cobrados. Mas como fazê-lo?

A questão do dever é complexa, é claro que o ser humano não possui um, mas inúmeros deveres. Para simplificar, vamos tentar abordá-la pelo símbolo da Rosa-cruz, que está abaixo. *O braço horizontal da cruz representa o lado terrestre da vida*, isto é, temos de ganhar o nosso sustento, cuidar do corpo, viver em sociedade, ter filhos, etc. *O braço vertical representa o lado celeste*; podemos dizer que o ser humano deve louvar a Deus em meio à vida, isto é, deve emanar compaixão, silêncio, tranquilidade, pois estas são as verdadeiras oferendas que agradam ao Criador. É o sentido de “dar a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus”. Quando isso ocorre, deve nascer na pessoa a rosa que está no meio da cruz, simbolizando o florescimento dessa “Grandeza Sagrada”, na qual repousa a “esperança” que foi depositada em nós.

Uma das formas de Belzebuth abordar este assunto é através da qualidade das substâncias cósmicas. Toda vida na Terra – plantas, animais, seres humanos – produz certas substâncias que servem ao mundo planetário. Queiramos ou não, nós, assim como o asno, participamos do nível terrestre da vida, representado pelo braço horizontal da cruz. Todos os nossos pensamentos, todos os nossos desejos, todas as nossas emoções pertencem a esse campo de emanção que serve ao nível dos planetas. Mas como isso ocorre? A cada dia acordamos com nossa força vital renovada pelo sono, é a riqueza diária que nos cabe. Ao longo de nossas atividades, porém, vivemos em um fluxo incontrolável de associações que consomem nossa força vital em pensamentos inúteis, em emoções negativas e posturas tensas de corpo, entre outras coisas. Quando chega a noite, estamos exauridos. Para onde foi nossa alegria e vitalidade? Ela se dissipou nesse grande plano horizontal.

Mas ao ser humano foi dada uma outra possibilidade. Por ser à imagem e semelhança de Deus, ele possui as três forças sagradas representantes da Santíssima Trindade –

# HISTÓRIAS DE PEDRO MALAZARTES

Pedro Malazartes é a versão brasileira de Mulá Nasruddin. Ambos encarnam um princípio: o humor ladino, o riso que vem do desmascaramento do ego, do ato de brincar com a falsa seriedade, de quebrar conceitos e preconceitos, de arrancar as fantasias que camuflam a mentira, a arrogância, o mundo das aparências. O humor deles não é bem comportado ou “politicamente correto”. Eles são a essência mesma da esperteza, da capacidade de surpreender, do *nonsense*. Podem fluir com a vida livremente, porque desenvolveram em si mesmos um mental lúcido, um emocional tranqüilo e isento, e um corpo relaxado e feliz. O mesmo princípio aparece também na figura do Curinga, no baralho, e na figura do Exu, no Candomblé.

## CENA NO JARDIM DO ÉDEN

- Deus, tenho um problema!
- Qual é o problema, Eva?
- Deus, sei que me criaste e me deste este maravilhoso jardim e todos estes maravilhosos animais e esta serpente tão graciosa, mas não sou feliz.
- Por que, Eva? perguntou a voz lá de cima.
- Deus, estou sozinha e não agüento mais comer maçã.
- Bem, Eva, neste caso, tenho uma solução: criarei um homem para ti.
- O que é um homem, Deus?

- Um homem é uma criatura que fará da tua vida um inferno. Será um ser com muitos atributos negativos. Será mentiroso, arrogante, vaidoso e egocêntrico. Mas... será maior, mais rápido e mais forte e irá caçar e matar animais. Será um pouco patético e sentirá prazer em coisas infantis como brigar e dar pontapés em uma bola. E sempre irá precisar do teu conselho para pensar adequadamente.
- Parece ótimo, disse Eva com um sorriso irônico.
- Porém..., disse Deus.
- Qual é o problema, Deus?
- Bem, vais tê-lo com uma condição.
- Qual, Deus?
- Como eu te disse, ele será orgulhoso, arrogante e egocêntrico. Assim, terás de deixar que ele acredite que eu o fiz primeiro. Lembra-te, será nosso pequeno segredo, Eva, de mulher para mulher.



# Carlos Raigorodsky

entrevista



**SER: De onde vem sua família? Quais são as principais recordações que você tem da infância?**

**Carlos:** Minha mãe veio da Polônia. Ela fez parte dos movimentos políticos de esquerda na Alemanha, na Polônia e na Rússia. Viajava muito, porque era assessora de uma grande líder política. Meu pai veio da Rússia junto com dois irmãos mais velhos, ainda menino, antes da Revolução, fugindo dos cossacos. É uma história interessante. Primeiro ele foi para a Argentina; era operário, um homem simples, mas gostava muito de ler. Era um livre-pensador. Minha mãe era artista, uma mulher culta, filha de gente muito rica. Formavam um casal muito estranho. Nós morávamos no interior e desde pequeno eu fui muito atraído pela religião; meus pais, embora fossem judeus, não eram religiosos. Não seguiam rituais, nem nada. Quando menino, fui muito atraído pela Igreja Católica e tornei-me coroinha. De minha infância, não lembro coisas assim muito agradáveis... tive dificuldades porque era perseguido e chamado de “polaquinho”. Meus maiores amigos eram os negros, que sempre me recebiam bem.

**SER: Com que idade você entrou no Grupo e está há quanto tempo? Conte também como foi que você encontrou o Grupo e como foi seu começo.**

**Carlos:** Para falar sobre o Grupo eu teria de falar um pouquinho sobre minha vida antes. Sempre tive um problema básico, ou seja, nunca me considerei inteligente e não era esforçado na escola, mas tinha facilidade com tudo e sempre me virei. Tanto na escola como na vida prática. Então era muito estranho porque, sem ser brilhante, sem ter facilidade para falar ou muita inteligência, eu sempre subia. Então eu não era desafiado pela vida. A palavra que melhor define

lher, comer pizza, vibrar com o penta do Brasil – enquanto lá no âmago mesmo pulsa uma nostalgia difusa, uma saudade de ser, uma busca incessante do Si. Graças a Deus que é assim. Hoje eu compreendo. O Brasil ganhar a Copa estava nas suas previsões?

Mas essa compreensão é só o início. Temos de ir além. Justamente por ter essa percepção de que sou um estrangeiro em meu próprio mundo, de que minha origem está nas estrelas, acredito com toda a força do meu coração que preciso pertencer a uma escola iniciática e, sobretudo, encontrar um verdadeiro Mestre. Muitas coisas virão por revelação; já outras, tão fundamentais quanto, terão de ser conquistadas pelo esforço, com sacrifício, ensinadas e potencializadas por esse Mestre. É como o encontro da fome com o alimento. É preciso matar a fome da alma. E o Mestre é o alimento raro, sutil. Também acontece de as revelações não serem completas, mas apenas pistas, indicações nebulosas. Não tenho competência para decifrá-las sozinho. Preciso do Mestre para encontrar a verdade, para ser livre. Aqui queremos ser buscadores da verdade, conhecer a deusa egípcia Maat, não é? Sinto a urgência de me lançar com mais afinco ao Trabalho. Não sei quanto tempo me resta. Ser jovem é uma ilusão. O grande deus Saturno é implacável, e minha meta deveria ser conquistar a eternidade a cada dia. Mestre, até quando poderei desfrutar de seu profundo acolhimento e sabedoria?

Estou falando do fenômeno que é o encontro do aluno com seu Mestre como se fosse a coisa mais normal do planeta. Essa possibilidade é um pequeno milagre. Quando o encontro é verdadeiro, algo desperta em meu ser. É como se aquilo que eu vinha buscando inconscientemente por toda a vida se materializasse na minha frente de maneira misteriosa e incompreensível. Eu experimento o silêncio, uma inteligência incomum se apodera de mim e simplesmente sei que estou no caminho certo.

É incrível... Por que nunca nos falaram disso? Nossos pais, nossos avós, nossos educadores. É assustador! No máximo, falavam de Jesus Cristo, de Moisés, e de uns tempos pra cá virou moda falar de Buda. Como se fosse possível ser realmente discípulo de qualquer um deles... Não sei nem se tenho nível para ser seu discípulo. O que sei, porque aprendi, é que, assim como os alunos precisam do Mestre, este também precisa dos alunos. Você me ensinou que a raiz da palavra “discípulo” (aquele que está-se prepa-

rando para aprender, compreender) é a mesma de “disciplina”. Discípulo é aquele que está em busca de alguém com maior compreensão, maior experiência, maior amor. Toda a vida deveria ser assim. Isso é maravilhoso. Infelizmente, quase ninguém mais tem noção do que seja isso. Para a maioria dos seres humanos, ser discípulo de alguém é inconcebível. Não se deve perder tempo com isso. Afinal de contas, o sujeito imagina que já sabe tudo, que governa sua vida, que é capaz de fazer, que tem vontade própria... A lista vai longe. As mentiras são intermináveis. O que todos querem, na verdade, é ser o “mestre”, conquistar os outros, fazendo deles seus escravos. Já tentei trazer algumas pessoas para a Escola. É engraçado. A maioria saiu correndo. Os argumentos vão desde: “O que ele falava até que era legal, mas eu o achei um pouco duro, áspero. Acho que falta amor nesse trabalho” até: “Nada do que foi falado é novidade para mim. Eu já conhecia. Estou procurando algo realmente novo”. O que o homem não alcança, ele tende a condenar. Mas é claro que, para muitas pessoas, esta Escola não é o caminho. Isso é natural e temos de respeitar.

Sabe o que me parece mais tocante na relação entre um aluno e seu Mestre? A confiança. Nós não confiamos em ninguém, nem em nós mesmos. Mas com um Mestre é diferente. Ou você confia nele, ou então está tudo acabado. Mas basta de perguntas por hoje.

Para finalizar meu relato, eu gostaria muito de reproduzir as impressionantes palavras de Madame de Salzmann, contidas no livro *Coração sem Limites*: “A não ser que preparemos outros para assumir o nosso próprio lugar e ocupar o nosso próprio nível, de maneira que a espécie correta de vibração ou energia seja produzida, não estamos livres para continuar o nosso próprio trabalho em esferas mais altas. A melhor maneira de expressar gratidão para com nossos Mestres é trabalhar de modo que eles não tenham de voltar para níveis inferiores. Se eles são liberados da Terra, podem continuar seu trabalho em níveis mais altos. Caso contrário, são obrigados a retornar e continuar trabalhando aqui”.

Mais do que nunca, a responsabilidade maior de todo buscador é trabalhar sobre si.

Mestre, não sei se tenho trabalhado corretamente. De qualquer maneira, deixo aqui minha imensa gratidão.

## RELATOS DE UM ALUNO A SEU MESTRE

Fernando Vianna

artigo



Krishna instruindo Arjuna  
(pintura de Jarudāni, Devi Dāsi, 1979)

Minha alma simplesmente “desceu” assim, faminta. É da sua natureza. Perdi a conta de quantas vezes, nocauteado pela minha ignorância e incompreensão, desejei que ela tivesse encarnado sem essa fome brutal. Imaginava que ser mais adequado, mais conformado, como um boi na fila esperando pelo abate, estudar em uma boa escola, obter um diploma de merda qualquer... desculpe o palavrão, Mestre, mas é que você mesmo fala assim, desse jeito. E nós somos tão estúpidos, que achamos que um Mestre que se preze tem de falar bonitinho o tempo inteiro, não é mesmo? É, deve ser difícil...

Mas, retomando o meu desenvolvimento, depois do tal diploma, viria aquele emprego escravocrata, com carteira assinada, que é mais excitante, um casamento à deriva, e os filhos para eu colocar meu nome neles. Desafortunadas crianças. Seguir esse estranho modo de vida, anestesiado, sem desconfiar de que a aventura da alma no planeta Terra promete muito mais do que isso, pareceu-me muitas vezes mais fácil, menos doloroso. Mas não adianta. Nasci no lado errado do rio, no lado *gauche*. Decididamente, pertenço a outra tribo, a outro planeta talvez. Lembro-me de que, no livro de Gurdjieff, *De Tudo e de Todas as Coisas*, Belzebuth veio de Marte e desceu aqui na Terra.

Estranho sentimento esse, Mestre. É misterioso. Gostar de mu-

essa situação é a palavra “intuição”. Eu tinha muita intuição, principalmente intuição técnica. Eu enxergava as coisas sem poder explicar depois o porquê... Principalmente nessa época, do fim da Guerra, o desenvolvimento tecnológico estava na plenitude e existia ainda pouca coisa escrita em tecnologia; no entanto, nas profissões em que militei, sempre tive sucesso. Assim, meu ego ficou muito grande. Tinha facilidade; aonde eu ia logo me tornava um dos primeiros: vendedor, funcionário, técnico, etc. Não havia explicação para essa coisa estranha de eu adivinhar, de ter a ousadia e a certeza de encontrar a solução para determinados problemas. Naquele tempo não havia pesquisa, ela era feita na prática. Tínhamos de bolar equipamentos que eram atípicos, que eu sabia que iam funcionar, mas não sabia apoiado em quê. Eu tinha a certeza de que funcionariam e as pessoas investiam, inclusive correndo riscos caso aquilo não desse certo. Mas sempre deu certo. Essa questão de ser, ao mesmo tempo, inteligente e burro, sempre me preocupou. Procurando respostas, comecei sendo atraído pelo espiritismo, porque eles diziam que eu tinha facilidade e que alguma coisa falava por mim. Mas não gostei. Corri tudo. Estive vários anos na Maçonaria, na Teosofia e em todas as outras “ias” da vida, até que encontrei o Grupo.

### SER: Em que ano foi?

**Carlos:** Agosto de 1969. Cheguei, sem muita esperança, em uma quarta-feira e aqui fiquei. Larguei a Maçonaria, larguei tudo. E realmente a grande atração que tive pelo Grupo foi que aqui eu encontrei um desafio que me estimulava muito. Eu sentia que não progredia, não adiantava esforço, meu progresso era muito lento, muito difícil. Em resposta a tudo o que eu achava ou falava, o Paulo me “batia”... (naquele tempo eles “batiam” muito) e eu tive muita dificuldade. Tudo o que eu falava era bobagem e isso, em lugar de me revoltar, me atraía mais. Esse desafio foi sempre muito bom para mim. Fiquei muito encantado, porque a minha idéia de Grupo era um pouco diferente do que eu vivia com eles. Quando entrei eu já era um homem de 46 anos...

### SER: Um jovem.

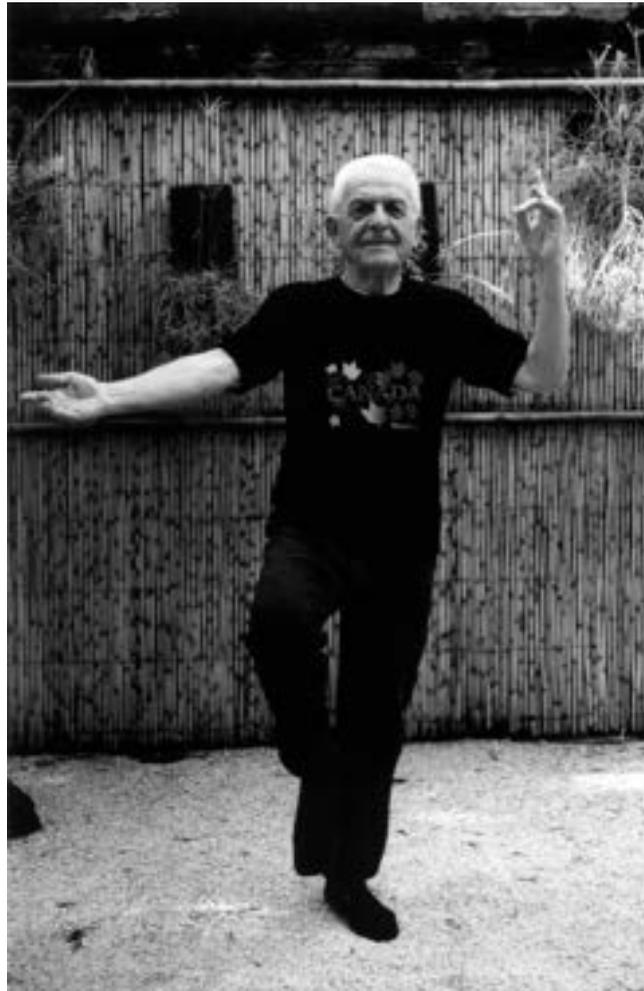
**Carlos:** Para hoje, sim, mas naquele tempo em que o Grupo estava começando e que não era uma Escola como hoje, o Paulo e o Lauro eram realmente meninos. Na vida eu sentia que tinha muito mais experiência do que eles, mas nunca duvidei de sua qualidade, sempre admirei o esforço deles. E até hoje eu os sigo. Não interessam muito minhas críticas, pois nunca encontrei ninguém que se esforçasse tanto quanto eles. Eles se esforçam visando não sei o quê, não é problema meu. Mas aqui encontrei o meu ambiente e vi também que sozinho eu não poderia trabalhar interiormente, porque antes eu trabalhava sozinho. E aqui não, teria de ser em Grupo. Então, falando em Grupo, eu achava que o trabalho de segunda linha, ou seja, de estudos, seria importante, principalmente do livro *Fragments* (que sempre me encantou muito) e do próprio *Belzebuth*, para cujo estudo eu ten-



tava formar grupos, pequenos grupinhos, e a gente tentava 10, 15, 20 vezes e depois acabava.

**SER: Qual seria a dificuldade nesses grupos de estudo que você vem tentando formar e manter durante todos esses anos? Parece que há um grande esforço aí.**

**Carlos:** No começo senti que não havia apoio dos companheiros. E, como eu já disse, nunca fui brilhante nem no falar nem no expor as coisas; acontece que os mais novos e as pessoas mais importantes que eu gostaria que participassem logo perdiam o interesse. Então fui-me treinando e com o tempo fui percebendo a beleza que havia nos *Fragmentos* e nas *Conferências* de Oupensky, que sempre admirei. Até que um dia alguém pediu para o Paulo formar um grupo de estudos dos *Fragmentos* e o Paulo concordou, desde que eu fosse o coordenador. Convidei a Mary, minha mulher, que sempre foi uma parceira muito importante porque se comunica melhor. Principalmente quando fico emocionado, eu não sou muito lógico e ela sempre serviu de intérprete, entende? É mais ou menos por aí. Então o Paulo concordou e nós fizemos a primeira experiência, o primeiro ano. Conversando com o Paulo, ele disse: “Olha, Carlos, se não der certo não tem problema”. Então falei: “Paulo, eu tenho dificuldade em manter o pessoal”. Ele respondeu: “Mesmo que chegue o fim do ano e só haja um ou dois, não há problema”. Por estranho que pareça, no primeiro grupo de estudos, só tive dificuldade com alguns colegas, principalmente os antigos, que não permaneceram (assistiram só a uma ou duas reuniões), mas os mais novos se mantiveram e até aumentou o número de pessoas. Ainda não tínhamos idéia de como seria isso. Uma coisa é certa: senti que essas reuniões deveriam ter dois elementos importantes. Um deles é a disciplina, a começar pela própria coordenação. Eu estava no trabalho de segunda linha no grupo, que sempre achei importante, e tinha o apoio da direção. Então me senti incentivado a desenvolvê-lo. Falei: vou entrar do jeito que eu sou mesmo. Fiz o programa e declarei que íamos estudar o livro *Fragmentos* em um ano. Não foi fácil o primeiro ano! Mesmo porque eu fazia extratos das reuniões para poder-me lembrar (são “colinhas”...);



**“...o trabalho no Grupo é muito mais precioso do que as pessoas podem imaginar...”**

mou consciência de sua identidade eterna nem a vivenciou, não pôde desenvolver em si nada que sobreviva à morte do corpo físico. Assim, quando essa pessoa morrer, restará somente um punhado de pó. Nada mais.

Mas a ilusão em relação ao “eu” do homem é mais complexa e intrincada do que aparenta ser.

Na verdade, não temos um único “eu”, permanente e imutável. Nosso “eu” muda constantemente, cada vez que mudam nossos humores, desejos, aversões ou apetites. Cada sentimento, pensamento ou sensação se intitula como um “eu”. Cada vez que digo “eu”, o meu “eu” é diferente. Pois cada um deles se origina de desejos ou aversões oriundos de influências mecânicas exteriores, permanentemente flutuantes, sendo, além disso, muitas vezes contraditórias. Isso explica nossa dificuldade de manter promessas e decisões decretadas por um pequeno “eu” em nome do todo.

Os diferentes “eus” acabam formando um mosaico em nossa mente. Esse produto de uma concepção mental, conhecido como ego ou personalidade, passa a ser nosso centro de referência. Embora imprescindível em um determinado nível de consciência, esse egocentrismo torna-se nefasto quando, inconscientemente, passa a dominar todo o nosso comportamento. Transforma-se em um egoísmo deletério, responsável, dentre outros males, pela execrável desigualdade social.

A situação é decorrente da qualidade de atenção existente em nosso estado habitual, conhecido pela ciência como estado de vigília ou de consciência lúcida. Nossa atenção é instável e intermitente. Muda constantemente o foco de interesse, conforme mudam as impressões que a bombardeiam sem parar. Enquanto o corpo executa um gesto no presente, a cabeça já está antecipando o movimento seguinte no futuro e a emoção está remoendo uma ação pregressa. Não há estabilidade interior porque não existe uma centralidade única consciente. É como estarmos em uma prisão ou escravidão, sem nos darmos conta da situação.

Nessa condição o homem é uma pluralidade. E seu nome é legião.

Felizmente, os avatares trouxeram a “boa nova”, renunciando uma vida maior para todos. Existem outras maneiras de ser. Há a possibilidade de outros estados de consciência.

Já no início do livro do Gênesis, aparece a explicação de como foi feito o homem:

“E Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.” (Gn 1, 27)

Ser criados à imagem e semelhança de Deus não

significa que sejamos iguais, e nem mesmo parecidos com Ele. Longe disso. A desproporção em escala é incomensurável. Significa, isso sim, que podemos fazer uma comparação, por analogia, aplicando o princípio da correspondência.

Assim como uma simples gota de água do mar apresenta características do oceano como um todo, da mesma forma a composição de nosso ser apresenta características que poderíamos classificar como divinas.

É por isso que podemos dizer que todos temos um Cristo, um Buda, ou uma centelha divina dentro de nós.

Podemos aprofundar a atenção de tal modo que a consciência se expanda até o sentimento de “eu” se fundir com nossa centelha divina. O sentimento de “eu” é arrebatado para um “Eu” maior, que é nosso verdadeiro centro. É o que é infinito e eterno dentro de nós.

Foi dessas alturas que Jesus pôde dizer, com toda a autoridade, que “Eu e o Pai somos um”. Foi essa mesma luz que iluminou Buda sob a árvore da sabedoria.

Quando a consciência consegue estabelecer essa verdadeira conexão e afinidade com o Todo, ocorre a fusão com sua origem. Retornamos ao jardim do Éden.

A esse respeito, muito sugestiva é a passagem da Bíblia que descreve o primeiro encontro de Moisés com Deus, revelando o cerne da questão da identidade.

Quando Moisés, defronte da sarça ardente, pergunta a Deus qual é o Seu nome, Ele lhe responde com todas as letras:

– Meu nome é “Eu sou”. Este é o meu nome por toda a eternidade, e com ele serei lembrado de geração em geração. (Ex 3, 14)

No original hebraico aparece como o tetragrama “YHWH”, que tem sua raiz etimológica no verbo ser. Na tradução para o latim aparece como *Yahweh*, que vai-se transformando ao longo dos séculos em *Jehovah*, Jeová, Javé ou Iavé.

Nessa profundidade da consciência não existem mais dúvidas ou perguntas. Resta apenas o amor por aqueles que já estão junto do eterno e infinito “Eu Sou” e a compaixão pelos que ainda estão por vir.

foto da pág. ao lado:  
Mulher de Auxerre, séc. VIII a.C.

## O SENTIMENTO DE "EU"

Mario Luiz de Camargo

artigo

Quando a essência de qualquer ser se autopercebe existindo, defronta-se necessariamente com esta primeira pergunta: "Quem sou eu?"

Talvez não exista pergunta mais crucial. É claro que nem sempre ela vem formulada explicitamente dessa maneira. Para a imensa maioria das pessoas, ela nunca aflora no nível consciente, mas, mesmo assim, não deixa de agir no inconsciente.

Quando o homem toma consciência de si, ele se queda perplexo e atônito ante o mistério da existência e é assaltado por indagações. Encontra problemas que exigem resposta, mas, assim que encontra uma resposta que parece conter a solução, os problemas reapresentam-se de uma nova maneira. E assim sucessivamente, em um redemoinho sem fim.

O caso é que essas questões fundamentais superaram todo e qualquer bom senso mundano. Não podem ser abordadas apenas pelo intelecto pensante, porque se estendem além dos limites do cognoscível racional.

No entanto, sem sombra de dúvida, é aqui que está a chave da salvação de todas as religiões. É onde se encontra o verdadeiro *religare*: a união da criatura com o Criador.

Mas é aqui também que está uma armadilha que aprisiona o homem – pois a raiz de grande parte dos problemas existenciais do ser humano é justamente seu equívoco de identidade. Ele se esquece de sua verdadeira origem e se engana quanto a sua real singularidade ao se identificar com as partes mais densas do Raio de Criação. Pior que isso, não se sente



como sendo o verdadeiro "Eu". Sente-se como um corpo físico composto de carne e osso.

Quando a criança nasce, seu campo de consciência é ilimitado e ela não se reconhece como indivíduo separado do mundo que a cerca. Seu sentimento de "eu" é o Todo. Conforme se desenvolve, aparece a necessidade de uma delimitação da individualidade. Para se formar uma noção de individualidade, é preciso que ocorra uma redução e uma delimitação do campo de consciência. Assim, este vai diminuindo e gradualmente a criança se afasta e se separa de sua vastidão original.

Esse pólo de condensação da consciência torna-se o centro de referência do indivíduo. Forma-se uma estrutura básica para apoio da

noção de si mesmo. E o foco de aglutinação do sentimento de "eu" passa a se localizar no corpo físico de tal maneira, que se cristaliza uma certeza, jamais contestada, de que "eu sou este corpo".

Para a pessoa identificada com o corpo físico, ela é matéria. Ela se sente assim: bem material, densa, palpável. É bem verdade que, além da matéria corpórea, percebe também energias mais sutis, como desejos, apetites, emoções, sentimentos e pensamentos. Mas acredita que tudo isso seja produzido pelo próprio corpo, e o mais importante é que o sentimento de "eu" já se alojou no corpo e enraizou essa convicção. Não importa qual seja sua crença, ou que religião professe. Não faz diferença também quão evoluídas sejam suas idéias sobre Psicologia ou Metafísica. Assim como ela se sente, assim ela é. Como não to-

depois a Mary resolveu fazer resumos dos capítulos e daí nasceram as apostilas, que facilitam bastante para a gente conseguir estudar o livro todo em um ano. Com essa disciplina de um lado e, de outro, o amor, ou seja, a atenção para com o pessoal, mostrando que a gente está aí simplesmente para ajudar, essa coisa natural que eu tenho de querer ajudar os outros, a coisa foi indo, foi indo, foi limpando, limpando, na terceira passada já melhorou, na quarta, enfim...

**SER: Há quanto tempo você está fazendo esse trabalho?**

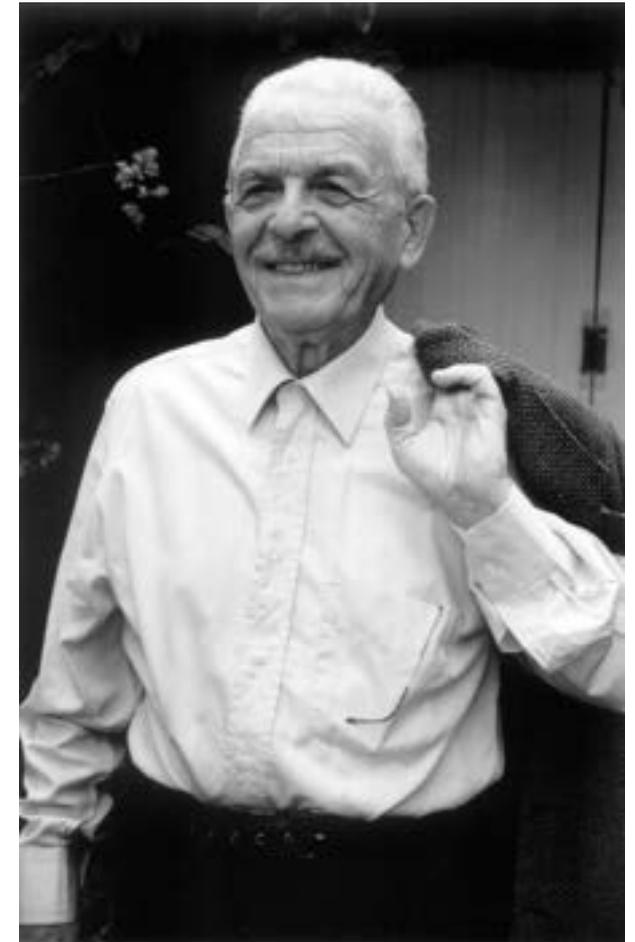
**Carlos:** Seis anos.

**SER: Como você enxerga hoje esses grupos e como vê a evolução que aconteceu?**

**Carlos:** Senti que não dá para ficar liderando sempre e que deveriam formar-se novos líderes. Uma parte do *Fragments* diz que eu só posso subir a escada e crescer se coloco outro no meu lugar. Nossa experiência com o primeiro grupo sob nova coordenação (sempre a gente acompanhando) começou este ano e está praticamente nas últimas reuniões, ou seja, dentro de nosso programa: a disciplina (todo o livro em um ano) é mantida e ainda sobra tempo para repetir os últimos capítulos. Enfim, estamos satisfeitos com isso.

**SER: Você tem mostrado nesses grupos de estudos um interesse pela aproximação entre a linguagem da ciência moderna e o trabalho interior; mais especificamente, você tem falado de se atualizarem as analogias. Por que acha tão importante esse esforço?**

**Carlos:** Acho isso importante porque o próprio Sr. Gurdjieff, na história dele, menciona o Grupo dos "Buscadores da Verdade". Ele tinha como parceiros especialistas nas áreas de Música, Química, Mecânica, Literatura, Arqueologia, Teologia, etc. Estava tão interessado na Mecânica do mundo ocidental que abriu aquela oficina onde consertava qualquer coisa elétri-



ca e mecânica. Como a gente sabe que a linguagem oriental é mais ou menos cifrada, simbólica, Ouspensky e o próprio Gurdjieff usavam analogias para poder explicar uma idéia mais difícil. Utilizavam termos do início do século, ou seja, palavras tais como "rolos", "alavanca". Hoje, os exemplos utilizados nesse tipo de linguagem analógica (principalmente para os jovens) precisam ser atualizados, pois eu acredito que a linguagem do *Fragments* será a linguagem do terceiro milênio. Temos aqui no Grupo especialistas em Eletrônica, Anatomia, Fisiologia, Endocrinologia, etc... vários médicos; então, seria possível formar um grupo de estudos só para pensar em muita coisa que o conhecimento do Sr. Gurdjieff já previu: por exemplo, a idéia de "cosmo". Ele introduziu essa idéia no início do século passado e a Física só chegou a isso, se não me engano, na década de 40, com o átomo e agora com a Física quântica. Ou seja, a soma das partes não contém o todo, tem algo a mais. A ciência

moderna hoje utiliza a linguagem sistêmica, tudo por sistemas, que vem daí.

**SER: Na verdade, a ciência moderna afirma cada vez mais o conhecimento que vem das tradições mais antigas.**

**Carlos:** É esse o sentido. É para prestigiar mais ainda as idéias do Sr. Gurdjieff e de Ouspensky que estou interessado no desenvolvimento da ciência moderna.

**SER: Como você faz para lidar com os fatos que a vida lhe apresenta e que nem sempre são fáceis e agradáveis?**

**Carlos:** Como já disse, nunca tive grandes desafios na vida comum. Os desafios eu sempre tive aqui no Grupo. Então, pensando bem em como eu oriento e dirijo minha vida, tanto no trabalho interior como na vida pessoal, poderia expressar em três palavras. Uma delas é “desafio”, outra é “recomeço”, a terceira é “energia”. Todos nós temos acontecimentos graves em nossa vida, como a morte de pessoas queridas, falência nos negócios, separação de mulher e de filhos... Todos esses fatos mexem muito com a pessoa, independentemente da idade, ou seja, é uma falácia essa história de que a gente fica velho depois de tantos anos, depois de aposentado. Eu diria o seguinte: as idéias do Sr. Gurdjieff podem ser colocadas aí através das “oitavas”. Quando termina uma, há um recomeço, um novo “dó”. Isso acontece diária, mensal, anualmente, em cada década, principalmente na passagem da década. Por exemplo, aos 60 anos tive a passagem mais difícil, quando enfrentei as conseqüências da década anterior. Fui à falência, separei-me de minha mulher, dos filhos, então houve um *recomeço*. Vi que essa questão de recomeçar é muito importante, ter fé de ir em frente – e me tornei um especialista nisso. No caso de doença, por exemplo, sofri muito de enxaqueca durante 30 anos... é uma doença difícil mesmo! Mas consegui sair desse castigo; hoje, dificilmente tenho enxaqueca. Ela serviu como um *recomeço*, então essa palavra recomeço é muito importante na minha vida. Ela requer uma coisa muito importante, que eu chamaria de “dó”, considerando o

começo de uma nova “oitava”. Ou seja, a gente pensa que o começo de uma “oitava” é simples, mas não é; ele requer uma dessas idéias básicas que o cristianismo chamou de fé, esperança e amor. Ou as três, ou uma delas. E acredito que eu tenha as três de uma certa forma, mas a esperança é a mais forte.

**SER: A esperança dá muita energia, não é mesmo?**

**Carlos:** Muita! A esperança me dá um “dó” que vocês não podem imaginar! Eu tenho também tendência à depressão e, volta e meia, eu caía numa. Não é que hoje seja fácil, não é nada fácil. Mas de certa maneira, tornou-se simples sair da fossa. Quanto mais velho a gente fica, mais se tira de letra esse tipo de coisa. Só para vocês terem uma idéia, acho que nunca na minha vida eu me senti tão bem como me sinto hoje. Tenho realmente uma tranqüilidade que não me lembro de jamais ter tido. Na realidade, hoje não tenho problema algum. Não vejo problemas, só vejo metas, sonhos, como, por exemplo, essa questão da analogia. Agora, a terceira palavra é *energia* que, de uma certa forma, eu já coloquei. Meu ser descobriu uma forma de buscar energia, de usar energia. Não só de gastar menos como de buscar essa energia. De onde, eu não sei... então ela pertence a outro nível. O desafio e o recomeço pertencem ao meu nível de vida, tenho um grande controle sobre isso. Mas a energia, só agora é que estou começando a entender.

**SER: Explique melhor como você aprendeu, no decorrer de sua vida com o trabalho interior, a economizar energia e a encontrar a fonte dentro de você.**

**Carlos:** Essa questão é muito interessante, porque eu não me considero um “homem de atenção”, ou seja, a minha meta teoricamente é esta: estar atento o dia inteiro. Mas eu não sou um grande seguidor do trabalho interior, pelo menos na parte prática. Eu diria que sou um esforçado na questão das reuniões de estudo, etc., mas a parte prática me falta. Mas como sempre fiz em minha vida, eu consigo essa energia, mas de onde ela vem eu não sei...



Escultura egípcia do séc. IV de uma **íbis** ligando o pássaro, como símbolo da perseverança da alma, com a pena de avestruz, símbolo da verdade e justiça.  
(J. C. Cooper, *An Illustrated Encyclopaedia of Traditional Symbols*, Thames & Hudson, 1978)

passa o de dignidade que o caracteriza, fortalece nosso caminho, mesmo que aparentemente tudo esteja perdido. Podemos confiar em nossos sentimentos e isto é um grande conforto. Eles abrem caminho para o sentimento de humildade que, por sua vez, possibilita o nascimento da fé, da esperança e do amor: compreensão profunda dos desígnios do homem, com todas as responsabilidades inerentes a esse estado.

O sentimento de justiça foi plantado em nós para termos condições de assumir nossa humanidade. Sem ele não há como começar a trabalhar sobre nós, entender nossa alma, que se manifesta através do corpo, das emoções e dos pensamentos. A consciência moral é provocação íntima que nos mobiliza para a mudança e a transformação. Sua origem é divina e, enquanto permanecer viva dentro de nós, existirá a possibilidade de desenvolvermos nosso Ser. Talvez o mais delicado sentimento possível, permite a compreensão de nossos semelhantes e a compaixão para com eles, abrindo caminho para uma relação madura e sadia.

Ao ultrapassar nossa ignorância, passamos a sentir e pensar o Universo, enxergar nossa alma, passamos a amar o desconhecido e a nos desviar do movimento natural de nossos desejos: miramos um ponto mais alto. A possibilidade de olhar de fora alça-nos para bem acima das emoções. Temos a capacidade de olhar para nossos semelhantes e percebê-los através do simples exercício do pensar. Podemos mudar nosso destino dando um sentido maior a nossa existência, pois somos livres para reinventá-lo, imprimindo a marca do sentimento às nossas ações. Dirigidos pelo princípio de uma consciência superior à consciência animal, passamos, ao incluir o Universo dentro de nós, a participar de cada partícula que o compõe.

Podemos confiar nessa consciência. Ela é eterna. O sentimento de justiça que nasce dela é nosso primeiro e último amigo. Quando tudo parece perdido, quando “o mundo se volta contra nós”, é ele que nos sustenta com sua inteligência própria, pressentindo, antecipando, calçando nosso caminho, a fim de que possamos resgatar o que temos de mais precioso.

# NEM TUDO ESTÁ PERDIDO. NOSSO SER, ESSE GRANDE DESCONHECIDO

Beatriz Sztutman

artigo

Existe um sentimento, talvez o mais remoto, que nos afeta profundamente e exige ser atendido, do qual fugimos diariamente, pois não sabemos como lidar com ele.

Sensação de dever não-cumprido, saudade inexplicável, fugidia, esse sentimento de justiça, chamado por Gurdjieff de *consciência moral*, que nos acompanha desde sempre, marca dolorosamente nossa alma sedenta de explicações. Muito cedo aprendemos a encobri-lo. A criança se espanta com o que ocorre ao seu redor, assusta-se e foge, na tentativa de se proteger. Não aprendemos a cultivar, respeitar e atender ao chamado dos sentimentos que traduzem nossa necessidade de ancorar em porto seguro. Sem saber onde colocar os pés, tornamo-nos inseguros, covardes. Assustamo-nos diante da possibilidade da nudez. Escondemo-nos atrás de ações que contradizem nosso coração. Temos medo de nos expor e nos enxergar e medo igual de não Ser. Na luta que travamos entre esses medos adquirimos força moral, deslocamos o foco de atenção que normalmente se concentra em nós, saímos da ilusão de estar sozinhos. Você não se sente mais só quando se empenha na busca de seu Ser.

De mãos dadas com nossas emoções, não há espaço para sentimentos sutis. Deixamo-nos levar por essas ondas, facilmente disponíveis, irracionais, reagimos às cegas, transformamos as pessoas mais queridas em inimigos. Tornamo-nos insensíveis, e assim, nesse estado deplorável, estabelecemos todos os nossos laços. Lá no fundo, a voz do sentimento clama por mudança.

Se estamos acostumados a procurar explicações e

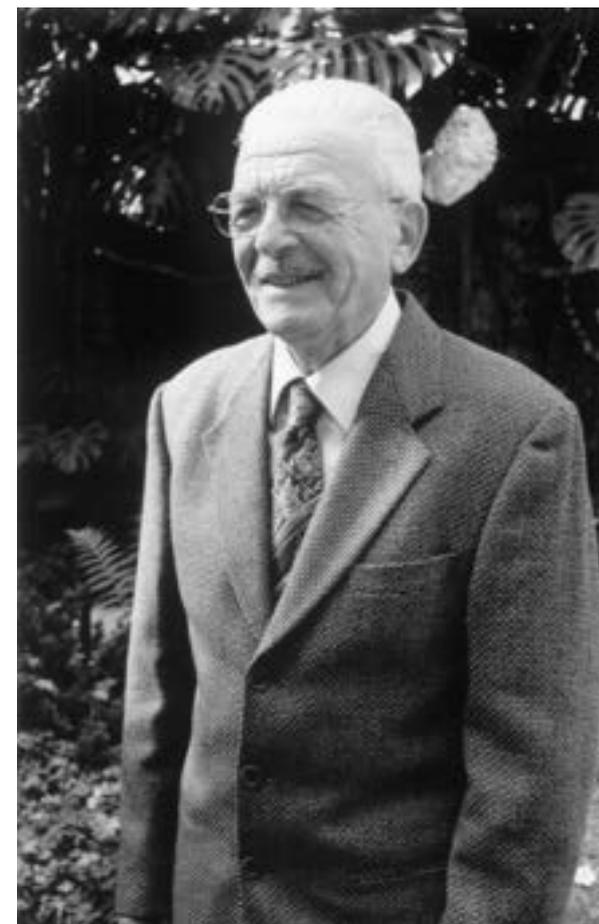
satisfações fora de nós, a única maneira de mudar é tentar encontrá-las dentro. Se estamos acostumados a acumular angústias, agora devemos largá-las, a fim de poder recuperar a confiança em algo que fica. No estado de insatisfação crônica em que vivemos, as experiências que procuramos fora de nós só fazem aumentar nossa sensação de não Ser. No estado alterado em que vivemos, largar é sinônimo de desistir, ser derrotado, entrar em um beco sem saída. Mas no Universo dos sentimentos não há fantasias, somente Realidades que foram criadas para uma finalidade, assim como também “nós” e “os outros”, as pedras, os rios. Todos passageiros. Fomos programados para estabelecer relações, sabendo ou não, com o ar que respiramos, com a raiva do vizinho, com os alimentos que ingerimos, os sonhos que alimentamos. Defensivamente evitamos a dor, buscamos o prazer. Nossas relações obedecem a um esquema de dominação por meio da força, do sexo, da doença, por meio do dinheiro. Comandados pela natureza, atraímos e repelimos, fomentamos e anulamos. Esse é o universo perecível do cada um por si e “Deus” por todos. Olhamos ingenuamente para nosso umbigo e acreditamos que o Universo existe para nós, enquanto morremos solitários, enterrando conosco nossos sentimentos não realizados.

A consciência moral é o sentimento que vai ao encontro de nossa humanidade, leva-nos às nossas origens e também para o futuro. Se não houvesse esse sentimento, não haveria confiança, nem esperança. Esquecidos de nossa origem e nosso fim, não saberíamos e não poderíamos confiar em nada.

O sentimento de justiça, anseio de verdade, ultra-

“...eu não estaria vivo se não houvesse o Grupo Gurdjieff na minha vida...”

“...acho que nunca na minha vida eu me senti tão bem como me sinto hoje...”



**SER: Você não pratica a meditação, o recolhimento?**

**Carlos:** Não, eu não faço muita meditação. Eu me recolho e entro em contato com isso. Não seria sincero de minha parte se eu dissesse para vocês o caminho da fonte. Eu não sei. O Paulo me chamou uma vez de “raposão” e eu entendi agora. O fato é que me saio dos apertos da vida sem saber como, é um mistério.

**SER: Carlos, raposão, você sabe como, sim, e vai ter de contar pra gente. Você pratica o recolhimento, experimenta um pouco desse mel que vem do contato com a calma, o silêncio e o relaxamento. É o que o motiva e transforma.**

**Carlos:** Você agora me tocaiou, viu? Acho que a única palavra ou idéia que me ocorre é essa certeza de que vou vencer. Eu diria que a palavra seria “fé”.

**SER: Quando nós o assistimos fazendo “Movimentos” aqui, no sábado, vemos um homem que está pleno. E naquele momento você não está estudando *Fragments*, não está no mundo das idéias.**

**Carlos:** Sim, mas possivelmente o ambiente, a energia do Grupo faça bem para mim. Às vezes eu falo que sou móveis e ferramentas do Grupo devido ao tempo, ou seja, o fato é que me sinto bem. E, já que se tocou nisso, posso dizer que tenho hoje uma facilidade para tocar o “corpo de sensação” e tenho trabalhado muito isso. Possivelmente isso esteja me ajudando, mas eu não poderia afirmar que a minha economia de energia seja baseada nisso. O Sr. Gurdjieff fala nos *Fragments* que você nunca está parado; ou está descendo ou subindo na escada da evolução. Eu, quando paro e estou caindo, sempre vou buscar essa energia. Então, tenho três formas: a fé, a certeza, a possibilidade de voltar. O Paulo tem dito uma coisa que mexeu muito comigo, que a saúde está sempre sendo afetada tanto pelo mundo exterior (clima, ambiente, fatos, etc.), como pelo mundo interior. Mas a vida é um eterno recolocar-se e tenho facilidade para isso, eu me reequilibro bem, facilmente.

**SER: Por falar em saúde, no dia-a-dia, como você cuida de seu corpo?**

**Carlos:** Tenho de voltar um pouco. Meu pai era um homem muito rígido e em minha formação ele dizia: não quero que você beba, não quero que você fume, não quero que você jogue. Então, isso ficou em minha personalidade. Para não dizer que eu não bebo, de vez em quando tomo um choppinho, mas nunca me lembro de ter ficado bêbado. Também não fumo. Mesmo naquele tempo em que era moda, cheguei a experimentar e não gostei. Quanto à comida, quando eu era jovem comia muito e comecei a engordar. Mas hoje, utilizo a comida “por quilo” e como basicamente de 300 a 350 gramas por refeição e, com isso, mantenho o peso. Ainda sobre alimentação, quero contar que já experimentei de tudo na vida: fui macrobiótico por sete anos (quando era moda), mas gosto muito de carne, principalmente bife de fígado, então resolvi controlar só a quantidade. Assim, eu como de tudo. Eu me lembro de um grande mestre oriental que foi meu professor, Zenzo Yamamoto, que dizia para a gente comer de tudo, e que a melhor comida é a da mamãe. Isso é o que eu tenho a dizer em relação à comida. Agora, eu sou muito metódico. Faço uma programação e sigo. Isso é bom de um lado, mas tem limitações do outro. Eu me proponho metas e as sigo. Acordo cedo, sou madrugador, tenho muita energia de manhã e no fim da tarde já estou com muito menos energia. De noite, aqui no Grupo, às vezes tenho dificuldade, mas a energia do Grupo me recarrega.

**SER: Você também caminha?**

**Carlos:** Todas as manhãs eu faço exercício. Ando, no mínimo, uma hora. Faço a prática da calma de manhã e no fim da tarde, ou à noite antes de dormir.

**SER: É... ele não é esforçado, não pratica... ou seja, só pratica duas vezes por dia. (risos) E yoga, você já fez?**

**Carlos:** Nunca fiz yoga. Mas faço tai-chi-chuan com meu filho Breno, que gosta muito disso e, como gosto muito da companhia dele, então uma vez por se-

mana ele me dá aula e eu sou seu único discípulo. Gosto bastante, porque o tai-chi-chuan me ajuda a desenvolver o “corpo de sensação”, desperta muito calor, especialmente da maneira como o Breno faz, que é incrível. E há os “Movimentos” aqui no Grupo, aos sábados, que têm sido uma experiência muito interessante. Quero dizer que esse tipo de aula que o Paulo dá está mais de acordo com a minha natureza.

**SER: Não só pela sua própria experiência, mas também por tudo o que você viu na vida dos outros, que conselho você dá para quem quer ter uma vida longa e saudável?**

**Carlos:** Eu não saberia dar uma receita, porque essa questão dos tipos tem mexido muito comigo. Estou casado com uma mulher completamente diferente de mim, mas completamente mesmo. Ela não se programa, não faz exercício, não liga para a comida (ou come muito ou não come nada), enfim eu cheguei à seguinte conclusão: cada um tem de achar o seu programa. Como diz o Sr. Gurdjieff, o quarto caminho não tem forma, eu sou a forma.

**SER: O que a gente mais ouve entre os companheiros no Grupo é o eterno drama: como é que eu luto pela sobrevivência e ao mesmo tempo trabalho interiormente, como posso viver as duas experiências sem que a sobrevivência coma toda a minha energia e não sobre nada para a busca interior?**

**Carlos:** Você estava treinando para me pegar e acabou me pegando. Na realidade, essa é outra questão à qual eu não saberia responder. Eu entendo uma coisa: o trabalho gurdjieffiano me prepara melhor para viver a vida. Acontece que eu consegui fazer meu pé-de-meia, inclusive com uma firma falida, e recuperei de novo minhas economias. O jeito como eu ajo é diferente do de vocês hoje, de forma que eu não saberia. Não consegui ensinar a meus filhos e meus netos quase nada sobre isso.

**SER: Quando perdeu tudo, o que você fez para recuperar suas economias?**

**Carlos:** Eu aprendi com meus pais a não gastar. Não digo que eu seja um avarento, mas, lembrando a questão do tipo, sou um pão-duro. Não considero o dinheiro importante, mas, ao mesmo tempo, ele é importante. A diferença é que ele não está em primeiro lugar na minha vida. Apesar disso, não o “queimo”. Nunca. Eu o respeito. Posso dar o que tenho para um filho, e já fiz isso, ficando em situação difícil. Mas não sei como aconselhar a esse respeito. Cada um tem de achar o seu caminho. O que eu posso afirmar é que o sistema gurdjieffiano dá o que o indivíduo precisa para enfrentar a vida.

**SER: Como você lida com a questão da morte?**

**Carlos:** Essa também é uma questão difícil de responder. A prática me mostrou que ela pode vir naturalmente. A Mary, minha mulher, conta que cheguei a quase morrer em um de meus ataques de enxaqueca. Era uma dor tão grande que eu chegava a desmaiar. Um dia ela teve de me esmurrar para que eu voltasse... A morte não me preocupa, porque eu me sinto quase que imortal. Agora, teoricamente eu não encaro a morte com facilidade. Há pouco tempo perdi um cunhado, tive contato com a morte dele. Fecho os olhos e o vejo morrendo. Eu diria o seguinte: sou muito medroso e por trás desse medo possivelmente está o problema da morte, mas não posso dizer que tenha encarado conscientemente a questão. Eu vivo como se fosse viver para sempre. No ano passado eu estava perdendo toda a força e estava certo de que tinha câncer; tive de fazer uma operação, não sabia o que estava acontecendo. A palavra morte não tem um lugar dentro de mim. É gozado, parece que o medo escamoteia isso. (Eu quero ver como vocês vão-se sair dessa...) Mesmo na prática da calma, quando entro em um outro plano que possivelmente seria um preparo para a morte, não faço a ligação com ela. Lido bem com isso, especialmente agora depois da experiência com o meu cunhado. Sem perder de vista o fato de que minha atuação é de quem tem medo. Nunca fui ousado, a não ser em momentos de muita raiva.

**SER: Você já pensou o que teria sido a sua vida se**

**você jamais tivesse encontrado um caminho de busca interior?**

**Carlos:** Eu sempre fui um buscador, procurava muito, porque não podia entender a vida como ela era. Sempre procurei. Antes de encontrar o Grupo, fui atrás de mestres (no meu tempo era muito difícil porque não existiam), era tudo fajuto, as teosofias da vida. Na maçonaria eu estive 10 anos e me obrigaram a mudar de nível, porque eu não queria mudar, achava que sempre seria aprendiz, que não tinha nível para *companheiro* e muito menos para *mestre*. Então, eu sempre fui um buscador. Passei três anos indo todos os fins-de-semana para Poços de Caldas, para falar com uma pessoa que eu considerava mestre. Um dia, à uma hora da manhã, ele me acorda com um telefonema e diz: “Carlos, você está querendo falar comigo, pode ser agora?” Eu me vesti e fui falar com ele. Chamava-se Edmundo Cardillo, foi meu mestre e grande amigo durante 12 anos; só me separei dele quando entrei aqui no Grupo, há 33 anos. Então, eu comecei minha busca antes. Ainda sobre a sua pergunta, eu diria o seguinte: eu não estaria vivo, com certeza, de jeito nenhum, se não houvesse o Grupo Gurdjieff na minha vida.

**SER: Qual o conselho que você daria para alguém que está iniciando o trabalho no Grupo?**

**Carlos:** Antes de responder a isso, eu diria o seguinte: o Grupo hoje, como eu já disse, tornou-se uma Escola Esotérica. Como já passei por muita coisa, tenho a certeza absoluta de que, hoje, uma pessoa que está começando tem pela frente coisas maravilhosas. Realmente, a linha de trabalho sobre o Ser e o Saber, o trabalho de segunda linha com os grupos de estudos de *Fragmentos*, *Belzebut*, etc., as reuniões com teatro, esta revista, mostram que existe uma Escola. O conselho que eu daria é o seguinte: eles precisam aproveitar tudo isso, porque o trabalho no Grupo é muito mais precioso do que as pessoas podem imaginar. Só quem está vivendo e se alimentando disso é que pode avaliar. Então a palavra justa é aprender a apreciar o trabalho. É a apreciação. É só isso.